

A Voz de Paço de Arcos



**LUÍS TINOCO,
PRÉMIO PESSOA 2024**

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DA VILA DE PAÇO DE ARCOS E DAS LOCALIDADES CIRCUNDANTES
FUNDADO EM 1979 POR ARMANDO GARCIA, JOAQUIM COUTINHO E VÍTOR FARIA

Diretor: José Manuel Marreiro | Bimestral | N.º 57, Fevereiro de 2025 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



Capa - Luís Tinoco
Fotografia de Jorge Carmona

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

Sede: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Direção: Presidente - José M. R. Marreiro;
Tesoureiro - Cândido Vintém;
Secretário - Luís Amorim

Redação: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

E-mail: avozpacocarcos@gmail.com

N.I.F.- 513600493 | **E.R.C. nº** 126726

Depósito Legal: 61244/92

Diretor: José M. R. Marreiro

Coord. Edição Online: Renato Batisteli Pinto

Coord. Edição Papel: Margarida Maria Almeida

Editor: Jorge Chichorro Rodrigues

E-mail: jchichorro@avozdepacodearcos.org

Sede do Editor: Rua Thomaz de Mello
nº4 B 2770-167 Paço de Arcos

Revisão: Luís Amorim

E-mail: luisamorimedititions@gmail.com

Impressão: www.artipol.net

Sede do impressor: Rua da Barrosinha,
n.º 160 | Barrosinha Apartado 3051 |
3750-742 Segadães, Agueda Portugal

Colaboradores: Carla Cardoso; Carlos Albuquerque; Catulina Guerreiro; Eduardo Barata; Francisco Capelo; Jorge Chichorro Rodrigues; José Soares; José Marreiro; Lídia Jorge; Luís Alvares; Luís Amorim; Margarida Almeida; M.B.C.; Maria Pacheco; Mário Matta e Silva; Paulo Ceia; Paulo Ferreira; Ricardo Morais; Sílvia Mota Lopes; Tiago Miranda e Virginia Branco

Fotografia: Daniel Martins, Jorge Carmona, José Mendonça, Luís Amorim, Margarida Almeida e Rui Ochôa

Capa: Foto de Jorge Carmona

Paginação: Andreia Pereira

Tiragem: 2000 exemplares

Online: avozdepacodearcos.org

E-mail: info@avozdepacodearcos.org

Publicidade: josemarreiro@gmail.com

Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Diretor Honorário: José Serrão de Faria

Subdiretora Honorária: Maria Aguiar



A nossa comunidade regozija-se com a atribuição do prestigiado Prémio Pessoa 2024 a um dos seus filhos, o compositor Luís Tinoco, docente na Escola Superior de Música de Lisboa. O Prémio Pessoa é atribuído pelo semanário *Expresso* com o apoio da Caixa Geral de Depósitos. Instituído em 1987, este prémio distingue anualmente pessoas de nacionalidade portuguesa que se tenham notabilizado na vida científica, artística ou literária. Luís Tinoco, ainda muito jovem, é, assim, tal como Luís de Freitas Branco, um insigne residente da terra a destacar-se nessa nobre arte que é a música. Para mais informações sobre este compositor pode consultar a biografia e a entrevista que deu ao nosso jornal.

Informamos os nossos leitores que, devido ao êxito que tem vindo a ter, o Concurso de Fotografia irá realizar-se de novo no corrente ano de 2025, podendo desde já serem feitas as inscrições na página *online*.

No dia 12 de fevereiro, foi inaugurada no Núcleo central do Tagus Park, a exposição “Dentro Fora Sagrado Profano” (“Viagem ao encontro da essência do humano”), com os pintores Nelson Ferreira, António Faria e Gianmarco Donaggio. A exposição estará patente ao público até ao dia 12 de abril. Também no Tagus Park, foi feita a abertura oficial das Residências Artísticas, em colaboração com a Sociedade Nacional de Belas-Artes.

O Dia Mundial da Rádio foi comemorado de forma condigna pela Fundação Marquês de Pombal, entre 13 e 15 de fevereiro, na Casa-Museu Igrejas Caeiro/Irene Velez, com um extenso e rico programa. Neste constaram visitas guiadas, entrevistas a figuras destacadas da rádio e uma conversa em torno do arquivo pessoal de Igrejas Caeiro.

Por fim, refira-se a já habitual Maratona de Poesia, a realizar no dia 21 de março pela Associação Luchapa e dinamizada pelo poeta José Mendonça. Nas páginas centrais do jornal poderá ser consultado o programa da Maratona.

Jorge Chichorro Rodrigues



LER ONLINE

**A LIBERDADE DE LER “A VOZ DE PAÇO DE ARCOS”
NO FORMATO DIGITAL**

**Digitalize o código ou aceda a
avozdepacodearcos.org**

LEIA - ASSINE - COMPARTILHE

Luís Tinoco

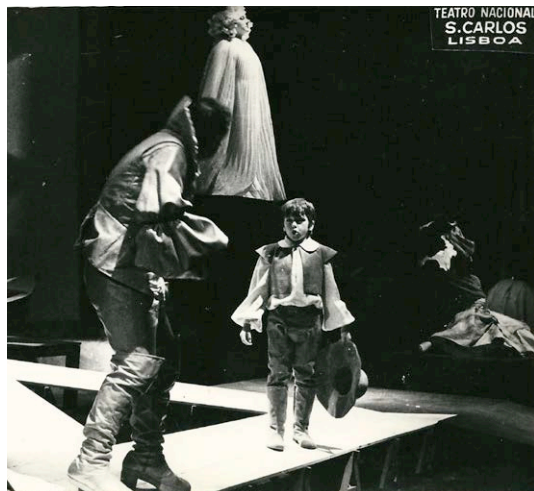
O vencedor do Prémio Pessoa 2024 é o compositor Luís Tinoco, residente em Paço de Arcos. É apenas a terceira personalidade da área musical a ser distinguida com tão relevante prémio, depois da pianista Maria João Pires, em 1989, e do compositor Emmanuel Nunes, no ano 2000.

Nascido em Lisboa, a 16 de Julho de 1969, numa família de músicos (filho do compositor e arquitecto, José Luís Tinoco), Luís Bernardo Silva Tinoco começou a estudar piano com a avó paterna, a concertista Maria Carlota Tinoco, discípula do compositor e professor Vianna da Motta, mas acabando o jovem estudante por fazer uma incursão no cinema antes de descobrir a vocação maior pela música.

Após concluir o ensino secundário, ingressou na Escola de Teatro e Cinema do Conservatório Nacional, em Lisboa, tendo frequentado cursos de Audiovisuais, Desenho e História de Arte, no IADE (Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing) e, também, na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Quando elegeu a música como o seu universo de eleição, Luís Tinoco foi estudar jazz com Mário Laginha, em 1991, tendo entrado na Escola Superior de Música de Lisboa, em 1993, onde teve como orientadores José Carlos Buonacorso, António Pinho Vargas e Christopher Bochmann.

Finalizou o curso de composição em 1996, licenciando-se então com a nota de 19, altura em que criou o Quarteto de Cordas, com o qual venceu o Prémio Lopes-Graça. Luís Tinoco fez mestrado e doutoramento



Luís Tinoco no Teatro Nacional de S. Carlos, no papel de “Menino” na ópera de Joly Braga Santos “Trilogia das Barcas” (com Álvaro Malta - Diabo e Ellizete Bayan - Anjo) - 1979

em Inglaterra, na Royal Academy of Music, em Londres e na Universidade de York. As suas composições têm sido interpretadas pelas principais orquestras portuguesas, onde se podem destacar a Gulbenkian, Metropolitana, Sinfónica Portuguesa e a da Casa da Música, bem como por agrupamentos internacionais de enorme referência como as seguintes Orquestras: Filarmonica de Londres, Filarmonica da Radio France, Sinfónica de Seattle e Sinfónica do Estado de São Paulo.

O seu catálogo inclui obras vocais e música de cena como “Search Songs” (2007), para soprano e orquestra, com textos de Alexander Search, ou “From the Depth of Distance” (2008), para soprano e orquestra, com textos de Walt Whitman e Álvaro de Campos, e “Evil Machines” (2008), uma fantasia musical com libreto e encenação do membro dos Monty Python, Terry Jones.

Criou obras tão diversas como “Paint Me”



Ensaios de “Short Cuts C” com músicos da Sinfónica de Chicago, dir. Cliff Colnot - 2009



Gravações do CD “Round Time” com Orquestra Gulbenkian, dir. David A. Miller - Lisboa, 2012

(2010), uma ópera de câmara com libreto de Stephen Plaice e encenação de Rui Horta, “Os Passeios do Sonhador Solitário” (2011), uma cantata com libreto de Almeida Faria, ou “Lídia” (2014), um bailado com coreografia de Paulo Ribeiro e que lhe foi encomendado pela Companhia Nacional de Bailado.

Nos trabalhos orquestrais, incluem-se “Cercle Intérieur” (2012), estreada pela Orquestra Filarmónica da Radio France, na Cité de La Musique, em Paris, “Frisland” (2014), estreada pela Orquestra Sinfónica de Seattle, no Benaroya Hall, nos Estados Unidos e “Incipit” (2015), para orquestra sinfónica, composta para celebrar os 450 anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro e estreada pela Orquestra Sinfónica Brasileira, no Theatro Municipal daquela cidade.

Entre as suas principais obras dos últimos anos, destacam-se “Concerto para Violoncelo”, “Cassini”, “Alepo”, “Kokyuu – Concerto para Saxofone Alto e Orquestra” e “Dreaming of the Unseen”. Em 2024, Luís Tinoco estreou “Out of Order”, para dois pianos e o “Concerto n.º 2 para Violoncelo

lo e Orquestra de Câmara”. A sua música é publicada pela University of York Music Press e, também, pela Artway.

Entre 2016 e 2018, Tinoco ocupou o cargo de compositor residente no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa, e, na temporada de 2017, foi Artista Associado da Casa da Música, no Porto. Tem ainda desenvolvido actividade pedagógica na Escola Superior de Música de Lisboa e em numerosas oficinas de formação intensiva, em Portugal e no estrangeiro.

Deu aulas de música na Escola de Jazz Luís Villas-Boas, do Hot Clube de Portugal, na Escola Profissional de Arcos do Estoril, na Academia de Artes e Tecnologias, em Lisboa e na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto.

Luís Tinoco dirige há vários anos o Prémio e Festival Jovens Músicos da RTP – Antena 2, criado para estimular e promover novas gerações de intérpretes formados pela rede de escolas de música em Portugal.

Em 2001, tornou-se co-director artístico e co-fundador do *ensemble* de música contemporânea, OrchestrUtopica.

Como autor e produtor de programas de

ARTIGO DE CAPA - HOMENAGEM

rádio, entre 2000 e 2003, apresentou “A Partitura de Um Século” e, desde então, até hoje, “Geografia dos Sons”, na Antena 2. Ao mesmo tempo, também se dedica a diversos projectos de extensão comunitária que promovem o acesso alargado ao património da música erudita.

Luís Tinoco recebeu diversas distinções, como o Prémio de Composição Lopes-Graca, em 1995 e, em 2000, o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte, do Ministério da Cultura e ainda, os Prémios de Composição Cláudio Carneyro, de Composição DSCH – Dimitri Schostakovich *Ensemble*, Play de Música Erudita, com o álbum “Archipelago”, SPA de Música Erudita, com o álbum “Alepo e outros silêncios”. No Reino Unido, entre 1997 e 1999, conquistou cinco prémios atribuídos pela Royal Academy of Music e, nesse último ano, venceu o primeiro prémio no concurso Galliard *Ensemble*. Desde 2016, é Associate (ARAM) da Royal Academy of Music, uma distinção honori-



Ensaios de “Concerto para Violoncelo e Orquestra”, com Filipe Quaresma - Porto, 2017

fica atribuída por essa prestigiada escola de música, a mais antiga do Reino Unido, fundada em 1822.

Luís Amorim

(escreve de acordo com a antiga ortografia)



Estreia inglesa de “Concerto para Acordeão e Orquestra”, com João Barradas e Orquestra Filarmónica de Londres, dir. Ed Gardner - Londres, 2024

Uma volta pela Quinta da Terrugem

Os Caminhos deste nº. serão à volta da histórica Quinta da Terrugem, em Paço de Arcos.

Esta Quinta, de riquíssima história, que por séculos era, essencialmente, agrícola e de lazer, é hoje uma urbanização com prédios de habitação e algum comércio.

Hoje, não vamos falar da história da quinta, mas da sua atualidade e, sobretudo, de alguém que há 25 anos aqui habita, atraído pela bela localização, a sua casa tem vista de mar, e a urbanização está bem tratada com relvados e jardins, falamos de LUÍS TINOCO, que, recentemente, venceu o prestigiado prémio Pessoa, que faz capa deste número, e que é nosso entrevistado. Convidamos o leitor a ler, mais à frente, esta entrevista conduzida por Margarida Maria Almeida.

Iniciamos, então, o caminho em frente ao edifício comercial que tem um espaço dedicado ao museu municipal de automóveis, que é gerido pelo Clube de Automóveis Antigos, que, de momento, está inativo após ter sido sujeito a obras estruturais.

Várias lojas comerciais funcionam no interior do edifício, entre eles, cabeleireiro, lavandaria, papelaria, restaurante, e um café



com uma esplanada panorâmica sobre o jardim, e para o rio Tejo.

Aguardam-se notícias sobre o seu futuro e ficamos na expectativa de que volte a albergar automóveis anti-

gos para que possa cumprir a missão para que foi criado, proporcionar aos visitantes a descoberta do manancial de informação de que cada peça exposta transporta, e assim mostrar o que tem sido a evolução deste fundamental meio de transporte, ao longo da sua já longa existência, até aos nossos dias e a desafiar-nos a pensar no que será no futuro. Já estão à vista grandes mudanças que, em breve, irão revolucionar o nosso modo como nos deslocamos e o nosso estilo de vida.

Prosseguimos, pela via principal, a Alameda Calouste Gulbenkian, ajardinada, ladeada por torres, e prédios de poucos andares, habitados por famílias da classe média, e entre elas, famílias de artistas, chegamos ao antigo palácio da quinta, Palácio da Terrugem, hoje conhecido por Palácio da Flor da Murta, propriedade da CMO, e que tem tido várias utilizações empresariais e culturais, ultimamente gerido pela empresa municipal, Oeiras Viva e que foi, recentemente, disponibilizado à Universidade Nova, para aí criar um polo de atividade de que voltaremos a falar em nova oportunidade.





O nome “Flor da Murta” deve-se ao título de uma poesia escrita pelo Rei D. João V, dedicada a D. Luísa Clara de Portugal, casada com D. Jorge Francisco de Meneses, proprietário da quinta, e que era uma das suas muitas amantes.

Este célebre poema foi musicado e cantado por Luís Cília, e versa assim:

*“Oh! flor da murta
Raminho de freixo
Deixar d’amar-te
É que t’eu não deixo.
Morrer sim
Mas deixar-te não
Oh! flor da murta
Amor do meu coração.
Oh! flor da murta
Do meu coração
Deixar d’amar-te
Ai não deixo, não.”*

Continuamos a subir a alameda, ao longo do bonito e bem tratado jardim, onde se pode ver o lago e a profusão de plantas e flores.

Ao nosso lado esquerdo, temos um novo aglomerado de prédios de apartamentos,



após o que entramos numa zona natural, o Vale da Terrugem.

Este vale, de grande importância como zona verde, teve um projeto aprovado no programa de Projetos Participativos, da CMO, que não sendo aplicado na sua totalidade, está, no entanto, a ser desenvolvido com recuperação de áreas verdes e linha de água, identificação das espécies de plantas existentes, melhoria dos acessos e recuperação das infraestruturas de apoio, bar, esplanada, aos recintos desportivos, padel, e de recreio, parque infantil.

Esta obra vem valorizar, em muito, a qua-





lidade de vida dos bairros envolventes e que ladeiam o bonito vale, e proporcionar uma nova área de convívio onde se pode desfrutar duma desafogada vista sobre o Tejo. Continuamos a subir, em direção ao antigo aglomerado, Terrugem, onde ainda permanecem muitos sinais da importância desta zona de produção agrícola, outrora

e da família Canas, embora de construção recente, são testemunho desse importante passado, e continuadores do estilo de vida na zona rural.

Estamos na Rotunda dos Moinhos, junto à qual novas urbanizações continuam a substituir os verdes campos, é o progresso inevitável, diz-se.

No lado esquerdo temos uma escola, a Escola Nau, recentemente inaugurada, seguindo-se vários prédios, no lado direito um edifício de instalações da empresa Drisparty, tratamento de plástico, e subindo a Av. António Sena da Silva, por detrás de uma vivenda já lá existente, e ladeando a Rua das Sete Chaves, temos uma nova urbanização de vivendas, em fase de constru-



de vinhedos, desaparecidos com a filoxera, e depois com a produção de cereais.

Recentemente recuperadas, as habitações dos lavradores e dos trabalhadores, os armazéns e telheiros, mostram bem a dimensão da atividade aqui desenvolvida. Algumas pequenas quintas, a Quinta das Sete Chaves, e a Casa de José Jorge Pereira,



ção das infraestruturas a ser executada pela firma Tecnovia, SA, de Porto Salvo, e chegamos à Rotunda Coronel Vitor Alves.

Para o nosso lado esquerdo temos a Rua Calvet de Magalhães no sentido de Paço de Arcos que ignoramos, e em frente temos a Av. Professor António Maria Baptista Fer-





nandes, que atravessa a autoestrada em direção ao Penedo, que também ignoramos. Seguimos então, pela nossa direita, Rua Calvet de Magalhães e temos, à direita o Alto das Lebres, e à nossa esquerda um vasto terreno onde se encontram as instalações da firma Armando Cunha, Lda., estabelecimento de materiais de construção civil. Para esta zona, que inclui a pedreira das perdigueiras, onde existiu um aterro de inertes que está naturalizado, está previsto para ser iniciado muito em breve, um grande projeto de 18 torres, para albergar habitação, escritórios e comércio que receberá cerca de 3 000 pessoas.

Este projeto junta a empresa Teixeira Duarte, SA, a uma grande empresa chinesa pelo que é grande a possibilidade de aqui se instalarem outras empresas igualmente chinesas. Este empreendimento pela sua grande dimensão vai ter grande impacto na Vila de Caxias, e na vida de quem lá mora, a todos os títulos, desde a economia, a segurança e a qualidade de vida.

Este impacto levou a que fosse criado um plano de acessibilidades, a Variante Circular Caxias Norte que prevê a construção de uma via que atravessa a urbanização, e o vale de Laveiras, e vá ligar à estrada nacional nº.6, prosseguindo até ao nó de acesso à autoestrada junto à Cidade do Futebol.

Este projeto trouxe muitas preocupações às populações, designadamente, no que diz respeito ao impacto do trânsito que já sendo muito difícil, em horas de ponta se tornará num pesadelo.

Diz-nos a experiência que muitas vezes é com o aumento dos problemas que as soluções surgem, esperemos que sejam anunciadas novas soluções que se juntem às já previstas no plano para os novos problemas que se juntam, aos pré-existentes, de modo que a qualidade de vida das populações não seja gravemente afetada.

Atualmente, são os aspetos negativos a serem os mais falados, será que podemos confiar, e esperar que no futuro sejam os aspetos positivos a vertente principal do sentimento das populações perante tais impactos?

O futuro dirá. A ver vamos, como sói em dizer-se.

Acabamos estes Caminhos a falar do futuro, futuro cada vez mais incerto, as notícias destes dias são preocupantes, que equilíbrios vão aparecer para que o século XXI possa ficar para a história como um século de prosperidade, de paz e de justiça a nível mundial? Eis a nossa grande interrogação.

*Texto: José Marreiro
Fotografia: José Mendonça*

Luís Tinoco, Prémio Pessoa 2024: a paixão pela música

Luís Bernardo Silva Tinoco, Luís Tinoco para o público, compositor de música contemporânea de tradição escrita ou, como diz, simplesmente compositor porque é isso que ele faz e faz de forma brilhante: compõe música! Professor e divulgador musical, foi distinguido em Dezembro último com o prestigiado Prémio Pessoa 2024, atribuído a personalidades portuguesas que se destacam na vida artística, científica e cultural do país.

O Júri sublinhou que a sua obra “revela um sólido domínio da forma e da instrumentação”, uma “linguagem eminentemente pessoal que privilegia a comunicação afectiva com o público, sem nunca

comprometer o rigor técnico”. Uma obra com grande projecção internacional, as suas peças são incontornáveis em concertos que acontecem em várias latitudes: Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Sinfónica da Casa da Música, Metropolitana de Lisboa, London Philharmonic Orchestra, Seattle, São Paulo, Filarmónica da Radio France e a Royal Philharmonic de Londres.

Luís Tinoco construiu uma obra versátil e original que se distribui pela ópera e música teatral, pelo reportório de câmara e sinfónico e pelo bailado. Desenvolve uma intensíssima actividade pedagógica e de divulgação: é professor na Escola Superior de Música de Lisboa, Director artístico do Prémio Jovens Músicos e mantém, há 22 anos, um programa na Antena 2: “Geografia dos Sons” que diz ser uma extensão da sua paixão pela música e pela divulgação cultural.

Nos 38 anos de vida do Prémio Pessoa, esta é apenas a terceira vez que é contemplada uma personalidade do universo da música erudita (a pianista Maria João Pires, em 1989 e o compositor Emmanuel Nunes, em 2000).

AVPA – Tendo em conta a sua experiência internacional considera que a música erudita não é suficientemente valorizada entre nós?

Luís Tinoco – Depende dos países de que falamos. Nós temos tendência para sermos mais exigentes com o que corre



Luís Tinoco - Foto de Jorge Carmona



Com a primeira orquestra feminina afeã, a Orquestra Zohra no Festival Jovens Músicos, Setembro, Gulbenkian, 2018

menos bem nos países com os quais temos uma maior proximidade afectiva.

Senti isso em Londres onde vivi dois anos: quando já me sentia parte da cidade e tinha desenvolvido afectividade pelo universo onde estava inserido, comecei a ser mais crítico.

Não quero ser injusto, dizer que em Portugal isto e aquilo... nós sabemos que lá fora também acontece. Em Inglaterra, por exemplo, que era o meu “modelo”, há hoje um grande desinvestimento na área da cultura, grandes cortes financeiros, o *Brexit* foi um descalabro, os meus amigos andam desolados com as dificuldades que enfrentam...

Para lhe responder, diria que estamos na média. Se nos compararmos com países como a Áustria, Alemanha, França, estaremos muito abaixo deles, se fizermos outras comparações, estamos bem. A velha história do copo meio cheio ou meio vazio...

A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO

O que me parece evidente é que deveria haver mais interesse, mais investimento nas artes em geral e não só na música erudita: na literatura, no cinema, no teatro. É muito importante incentivar o pensamento crítico, mal de que sofremos...

A indústria do entretenimento domina, há uma superficialidade, uma banalização das coisas que, de repente, passou a ser norma. Penso que para além do entretenimento que é legítimo, tem que haver espaço para a reflexão, para nos elevarmos. Se fazemos algum reparo, vem logo o chavão do elitismo...

Luís Tinoco, compositor, 55 anos, casado, dois filhos, formou-se em composição na Escola Superior de Música de Lisboa, Mestre pela Royal Academy of Music e Doutor em Composição pela Universidade de York, Reino Unido.

Afável, ótimo conversador, simplicidade

desarmante, apurado sentido de humor. Reside em Paço de Arcos, na Quinta da Terrugem, o Tejo imenso como pano de fundo.

Um dos maiores nomes da composição portuguesa do séc. XX, Luís de Freitas Branco, residiu longos anos em Paço de Arcos; agora a vila acolhe o mais prestigiado compositor português do séc. XXI...

A CHAVE PARA A RESISTÊNCIA É A CULTURA

AVPA - *Muitos parabéns pelo Prémio Pessoa, tão justo e tão importante pelo reconhecimento do seu trabalho e pelo incentivo que trará ao universo da música erudita.*

Referiu o chavão do elitismo, a arte, a música erudita é elitista? Para minorias?

LT - Acusam-nos por vezes de sermos elitistas. E é precisamente o contrário. Trata-se de levar a arte a todos, para que, cada vez mais sejamos melhores seres humanos. Não é o *TikTok*, os *youtubers* que cumprem esse papel: tanta coisa maravilhosa para divulgar, coisas que nos podem elevar, que nos ajudam a atingir estados de felicidade ou de equilíbrio e, algumas vezes, de inconformismo, de sentido crítico.

Vivemos tempos ameaçadores, a perda de relevância da nossa existência enquanto indivíduos, a possibilidade de podermos ser substituídos pela Inteligência Artificial (IA) com as suas ferramentas tecnológicas cada vez mais poderosas. Vemos o que está a acontecer no mundo, os oligarcas e as pessoas que detêm o poder da comunicação e da tecnologia estão a tomar conta da economia e do poder político. Se estivermos demasiado *entretidos*, distraídos, seremos engolidos por um perigoso *tsunami*; o conformismo com que gerimos esta distopia monstruosa não augura nada de bom.



Com o “Monty Python” Terry Jones na estreia de “Contos Fantásticos”, Teatro São Luís, 2006

A forma como se manipulam as pessoas, os populismos, a falta de empatia para com o outro... **a chave para resistir é a cultura, a ciência**, não só a música erudita, a cultura num sentido amplo. Insisto que há que **dar pensamento crítico às pessoas**. Não me parece que isso esteja a ser feito em doses ideais para enfrentarmos a enormidade do problema que temos em mãos!

AVPA - *Falemos então do Prémio Pessoa: como reagiu a família, a sua mulher, os seus filhos, o seu Pai e seu Mestre, o seu irmão?*

LT - Foi uma felicidade! Quando me informaram que tinha sido eu o premiado, pediram-me sigilo e eu cumpri, só disse ao meu agregado familiar! Quando me avisaram que a notícia ia ser divulgada, telefonei, minutos antes, ao meu Pai, ao meu irmão, às pessoas mais próximas e disse-lhes para ligarem a televisão...

AVPA - *O que de novo trouxe este Prémio ao compositor Luís Tinoco, ao professor, ao divulgador e ao universo da sua música?*

LT - Ainda estamos muito próximos da



Com Peter Serkin, Ana Quintans e David A. Miller na estreia americana de “From the Depth of Distance” (sobre poemas de Álvaro de Campos e Walt Whitman) - Troy, 2008

data do anúncio, as ondas de choque ainda se fazem sentir, é difícil avaliar o impacto que terá na minha vida profissional. Acredito que terá um impacto positivo, mas com o passar do tempo, tudo se dilui. Recebi grandes manifestações de alegria e de afecto da minha comunidade, muitos sentiram que este prémio era também deles. Os amigos músicos, os das artes performativas, todos sentiram que o Prémio Pessoa era o reconhecimento do esforço dos que vivem e trabalham neste universo. Um amigo deu-me os Parabéns e disse-me: «O Prémio é teu, mas é também meu, é também nosso!»

Este sentimento de pertença, deixa-me feliz porque, ano após ano, sentia alguma tristeza pela omissão. Se, à boleia deste prémio, a música portuguesa tiver uma maior visibilidade, mais espaço... fantástico!

O AMOR A PORTUGAL

AVPA - Mestrado e Doutoramento em Londres, teve professores de renome, conheceu gente que conta, não equacionou enveredar

por uma carreira internacional? Melhores condições de trabalho, melhores salários. Na verdade, vive no melhor de dois mundos: tem a base no seu Portugal, recebe encomendas de prestigiadas orquestras mundiais.

LT- Gosto muito de viver em Portugal, gosto muito do meu país, das pessoas, do maravilhamento desta luz única, da gastronomia, do clima ameno. Gosto da minha família, dos amigos que tenho cá. A minha ideia de sair esteve sempre ligada à necessidade de fazer formação, ganhar mundo e voltar. Ainda equacionei uma proposta de trabalho que me permitia compor e dar aulas, mas não aconteceu! Completei a formação, não tinha trabalho propriamente dito, voltei! Uma das primeiríssimas coisas que fiz foi comer peixe grelhado, que saudades eu tinha!

Depois, começaram a surgir oportunidades: leccionar na “minha” Escola Superior de Música de Lisboa, comecei a compor, surgiu o convite para começar a colaborar com a Antena 2, no que foi o meu primeiro programa semanal “A Partitura de um Século”, a que se seguiu “Geografia dos Sons”. Por fim, surgiu o convite para Director artístico do Prémio Jovens Músicos e, com isto, já lá vão 24 anos!

AVPA - Como vê a Inteligência Artificial (IA)? Quais os limites?

LT - É difícil estabelecer limites a algo ainda em construção, embora já seja usada por músicos, cientistas, médicos... O perigo é a total desregulamentação desta ferramenta poderosíssima! Poderemos estabelecer um consenso global – o que me parece difícil - regulamentando-a. Os limites de uns serão sempre diferentes dos limites de outros e os novos senhores do

mundo rasgarão os consensos quando estes lhes forem desfavoráveis.

Neste momento, a IA, do ponto de vista da criação artística, é frequentemente uma colagem, um roubo da propriedade intelectual alheia. Quando a IA faz uma música ou uma fotografia, está a apropriar-se da propriedade intelectual de milhares de artistas que ela junta criando algo que não é genuíno, que não é dela. As *playlists* do *Spotify* e outras semelhantes, condicionam cada vez mais as escolhas que fazemos e até já criam “artistas” de inteligência artificial. Como não são pessoas, não têm direitos de autor, o que permite rendimentos avultados a essas empresas comparativamente com o valor ridículo pago aos autores da propriedade intelectual.

A IA é importante desde que não se substitua a quem cria, desde que seja apenas complementar ao trabalho do artista. Um dia destes, a IA até poderá conseguir criar sinfonias, mas isso parece-me desinteressante, porque o que é fascinante na arte é a **expressão do indivíduo, a pulsão criativa** que devemos preservar a todo o custo. Trata-se de ferramentas estimulantes desde que estejam ao serviço do trabalho de criação dos humanos.

Tenho algum cepticismo em relação a perigos reais, mas existe o reverso da medalha: a facilidade com que podemos

partilhar o nosso trabalho ou chegar ao trabalho dos outros está à distância de um clique. Neste momento posso, em teoria, pôr a Maria João Pires a tocar no auditório da Casa da Música e, em simultâneo, com uma orquestra que esteja a tocar na Nova Zelândia!

AVPA - Nasceu num ambiente cultural diversificado e riquíssimo: avó pianista, discípula de Vianna da Motta, Maria Carlota Tinoco foi sua professora de piano; Pai arquitecto, pintor, letrista e compositor de música “ligeira” de sucesso, músico de jazz, autor de música instrumental para filmes.

Conviveu com intelectuais que frequentavam a sua casa, assistia às jam sessions de jazz. Cereja no topo do bolo: o seu Pai a ler histórias aos filhos e a improvisar ao piano, para acompanhar os heróis infantis da altura! O seu caminho estava escrito nas estrelas...

E a sua Mãe? Era da música? Os seus filhos?

LT - Não posso deixar de fazer justiça à importância do papel da minha Mãe que, não sendo artista, era a nossa espinha dorsal. Crescemos, eu e o meu irmão, num universo inspirador. Era um corrupio de gente a entrar, gente a sair: músicos de diferentes meios, cantores, pintores, escritores.

O meu Pai nunca soube conduzir um carro, não tinha a mais pequena ideia do preço das coisas. A minha Mãe era prag-



RESTAURANTE PARAÍSO DE CAXIAS

Take-Away

Estrada da Gibalta, N.º 18, C. Comercial, loja 4 CAXIAS

Telef.: 216 015 752 Telem.: 914876 154

mática, trazia ordem às nossas vidas. Fazia restauro, traduzia várias línguas - alemão, francês, inglês, espanhol. Na reforma, fez o curso de restauro e integrou a equipa de voluntárias que trabalharam no restauro de loiças no Palácio Nacional da Ajuda (como, por exemplo, as da Sala Saxe). E sabia o preço do leite, da manteiga... foi um pilar essencial, conseguiu equilibrar o universo artístico com a vida do dia-a-dia.

Eu e o meu irmão tínhamos que ir para a cama cedo mas, quando havia tertúlias, ficávamos escondidos nas escadas, a ouvir tudo. Encantava-me a diversidade, um dia vi um dos meus ídolos, Ivan Lins, conhecia as canções todas dele. E o Carlos do Carmo, o Ary dos Santos. Também eram visitas da casa, os escritores Yvette Centeno, Pedro Tamen e Dinis Machado, por exemplo.

O meu irmão não é músico, mas estudou música. Pinta, foi ilustrador, tem formação na área do *design gráfico*, é apaixonado por caligrafia...

A minha filha é das artes visuais, está a fazer Erasmus; o meu filho é músico de jazz, tem um quarteto, toca saxofone, toca com a orquestra de jazz do Hot Club.

AVPA - *Tem uma grande admiração pelos jovens músicos, pela sua criatividade e elevado nível artístico, diz que aprende com eles. Nota-se que tem uma notável abertura aos outros, que se interessa pelo que produzem...*

LT - Digo que aprendo com os alunos e digo que aprendo com os meus filhos: é fácil as pessoas fecharem-se depois de terem atingido determinados patamares, como se já soubessem tudo e, na verdade, acabam por estagnar! No plano das artes, da ciência, evolui-se porque nos questionamos constantemente, é essa a função do



Gravação nos estúdios Namouche, com Bernardo Sasseti - Lisboa, 2012

cientista, do artista.

À mesa, falamos muito, gosto de ouvir as ideias dos meus filhos, sobre arte, sobre o seu mundo. É uma espécie de permuta inter-geracional, tentamos que aproveitem com os nossos erros e com as nossas conquistas e nós aprendemos com o seu *background* que é diferente do nosso. Pensam diferente, criam diferente. Recorrendo à linguagem informática: falar com os jovens é fazer um *refresh*...

AVPA - *Nunca equacionou outro caminho sem ser a música?*

LT - Entrei na Escola Superior de Teatro e Cinema, queria realizar filmes, talvez fazer as bandas sonoras. Depois, fui percebendo que o interesse pela música se sobrepunha ao interesse pelo cinema. Se não tivesse este impulso da música, teria terminado o

curso de cinema, seria hoje um realizador. A música resgatou-me!

AVPA - *A composição é um trabalho solitário? A sua obra é tão versátil...*

LT - Pode ser solitário, para mim não é. Se uma pessoa só compõe música instrumental, diria que sim. Mas se se escrever também para dança, para teatro, para cinema, para ópera, etc... isto implica trabalhar com outras pessoas, sejam encenadores, poetas, sejam os libretistas, seja ainda o trabalho com os músicos que é muito estimulante.

AVPA - *Entre largas dezenas de composições, há uma Fantasia Musical com libreto e encenação de Terry Jones, ex-Monty Python...*

LT - Foi incrível. Ele estava sempre com novas ideias, mudava tudo e tive de compor sob grande pressão, numa luta contra o tempo. Cheguei, inclusivamente, a reciclar materiais que compus antes de entrar no curso de composição.

AVPA - *Diz que há um défice do ensino da música, defende a hipótese de um plano nacional de escuta num paralelismo com o Plano Nacional de Leitura.*

LT - É de todo injusto dizer que o ensino da música no nosso país está mal; há cada vez mais jovens músicos a tocar a um nível de excelência. Mas deveria ser incentivada na fase mais jovem, promover-se uma maior sensibilização para a riqueza da música. Não na expectativa de que os miúdos venham a ser músicos, mas na perspectiva de a música ser parte integrante do seu intelecto. Há um Plano Nacional de Leitura, o que é ótimo, porque não um Plano Nacional de Escuta com visitas obrigatórias, uma, duas vezes por ano, a ensaios de uma

orquestra, de uma Ópera... Se os miúdos tiverem essa experiência, garanto que nunca mais se esquecem, ouvirem o som sair de um instrumento e não do telemóvel...

AVPA - *A arte, os artistas devem estar comprometidos com as grandes questões da humanidade?*

LT - O artista não deve nada, o artista não tem que! Apenas deve, apenas tem que ser livre, seguir a sua pulsão criativa. Contudo, o artista é uma pessoa normal, está inserido na sociedade e é natural que a sua criação artística se posicione perante o que se passa no mundo que também é seu.

Em Londres, quando estava a fazer o Mestrado, comparando com a realidade de Portugal, a atenção que se dava à situação em Timor-Leste era mínima. Era um silêncio ensurdecador... Na Academia, pediram-me para compor uma música para um festival anual, aberto ao público. Compus o “Canto para Timor-Leste”, na esperança de contribuir para despertar o interesse das pessoas sobre este tema.

O artista, o músico, tem que ter a liberdade de tocar em todos os temas, inclusivamente os incómodos! Para a arte ser livre, tem que ter a possibilidade de deliciar e encantar, também de incomodar, alertar. Estou atento ao que se passa no mundo, às vezes apetece-me fazer uma música que me “liberte” de toda esta distopia, que me ajude também a ter um equilíbrio interno. Mas a música pode ser também e apenas o prazer do som! Outras vezes, sinto necessidade de me posicionar em relação ao que se passa no mundo. “Alepo” fala do drama dos refugiados. A catástrofe ecológica que vivemos, a fome como consequência das secas, obriga as pessoas a ir à procura de

uma vida melhor noutras paragens. “Alepo” é sobre essa tragédia humana e o artista não vive divorciado da vida que é de todos nós enquanto comunidade.

EQUILÍBRIO PAISAGÍSTICO E QUALIDADE DE VIDA

AVPA - Para terminar: Oeiras mais à frente?

LT - Oeiras é um concelho onde se vive bem, um município com um elevado rendimento *per capita*. Beneficia da proximidade do rio e do mar! Uma localização do ponto de vista paisagístico absolutamente formidável. Resido em Paço de Arcos há 25 anos, cheguei “empurrado” pelos preços elevados da habitação em Lisboa. Hoje não voltaria à capital, gosto muito de viver aqui. Temos tranquilidade, o município fez muito bem a devolução da proximidade do mar e do rio às zonas habitacionais.

Temos a vantagem da proximidade a Lisboa, Cascais e Sintra. Usufruímos do que acontece aqui e temos acesso fácil ao que acontece culturalmente nas zonas limítrofes. Oeiras é um concelho onde acontecem muitas coisas do ponto de vista artístico, boas exposições, vi há pouco uma retrospectiva do meu amigo Carlos Nogueira, uma exposição de grande dimensão e outras que têm sido feitas no mesmo espaço, em Algés.

Penso que o município poderia ainda apostar mais e melhor, foram feitos alguns investimentos demasiado ambiciosos, como o célebre SATU. Do ponto de vista urbanístico, impõe-se olhar com mais atenção as questões ambientais e paisagísticas.

Tenho visto com dissabor alguns casos, por exemplo, o Jardim do Palácio dos Arcos, que muitas famílias frequentavam, agora “inserido” numa unidade hoteleira

de luxo. Ainda que não seja vedada a entrada, é obviamente diferente, não o sentimos como nosso.

Constrói-se cada vez mais alto, projectos de grande dimensão em leitos de rio. Entristece-me, o equilíbrio paisagístico faz parte da nossa qualidade de vida, eu gostaria que as pessoas com responsabilidade política no concelho de Oeiras tivessem uma visão à Gonçalo Ribeiro Telles. A própria qualidade turística do município ganha quanto menos for betão e quanto mais for paisagem.

Faz falta, em vez de se fazer mais um mega projecto imobiliário, porque não construir um auditório que nos permita alojar projectos como a Orquestra Metropolitana, a OCCO ou a Orquestra de Câmara Portuguesa?

Esta última, também com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, tem desenvolvido um trabalho admirável, ao nível da música comunitária e projectos de integração social. Seria excelente termos um auditório com as condições e a dimensão que estas estruturas exigem, que lhes desse todas as condições de trabalho e estivesse à altura da dimensão deste concelho.

Desejo que se aposte cada vez mais e com muita força no conceito paisagístico de qualidade, nos espaços verdes e que a escala da construção não seja sempre a subir e que seja mais horizontal, mais orgânica, de forma a fortalecer a diferença que este município pode marcar.

Margarida Maria Almeida

(artigo escrito nos termos do antigo Acordo Ortográfico)

Cachias e as Fortalezas do Tejo - II

A época do grande incremento na construção das Fortificações nas margens do Tejo, para sua defesa e da Capital de Portugal

Após a independência de Portugal com a Revolução de 1640, os castelhanos iniciaram uma guerra (que perdurou mais de 28 anos), tentando recuperar o poder que tinham mantido durante 60 anos (1580-1640) e Lisboa não estava suficientemente protegida com as defesas existentes.

Sucessivamente aconteciam invasões e ataques nas povoações fronteiriças e outras grandes batalhas, principalmente no Além-tejo com a intenção de chegarem a Lixboa, o que nunca conseguiram.

Nessas contendas evidenciou-se heroicamente, entre outros, D. António Luís de Meneses. Entretanto, para tornar a defesa de Lixboa mais próxima e mais eficaz, vinham sendo construídos Fortes e muralhas que a envolviam.

Por outro lado, prevendo-se que os castelhanos poderiam tentar uma invasão por mar, com a sua poderosa armada a entrar no Tejo, rio acima e com fraca resistência, D. João IV, nomeou o seu reconhecido mais valoroso Co-

mandante de Armas (já Conselheiro de Estado e do Conselho de Guerra, e Vedor da Fazenda Real), e Governador da Praça de Armas de Cascais, o Conde de Cantanhede, D. António Luís de Meneses, para se empenhar e com urgência organizar o reforço das Fortificações de defesa em toda a Barra do Tejo, em ambas as margens, desde Lisboa até ao Cabo da Roca.

Assim, através do Decreto de 13 de junho de 1648, determinou:

O Conde de Cantanhede Vedor de minha Fazenda, Governador das Armas e do presidio de Cascaes e seu districto, escolha, no termo desta Cidade e Villas de Cintra e Collares, e de mais lugares que estão a sua ordem, mil soldados com dez capitaes e mais officiais prácticos, que propora ao Conselho de Guerra para se lhe passarem suas patentes e dara a ordem necessaria pa q mais gente dos ditos lugares seja capaz de tomar armas, estéja prompta pa acodir a qualquer ocasião, fazendo a desde logo



CONSULTORIA DOCUMENTAL

APOIO A IMIGRANTES

Serviços de Confiança

Tlm: (351) 935 958 044 | (351) 935 958 046 | Tel. 218 207 874 | contato@ssdocumental.com

Centro Comercial Carcavelos - piso -1 lj. 4 | www.ssdocumental.com | 2ª a 6ª das 09 às 18h - Sábados sob marcação

armar e exercitar tao bem todos os dias Santos e fará particular deligencia por achar artilheiros de q há necessidade e q lhe he presente.

Lixboa 15 de junho de 1648. Com a rubrica de sua majestade.

E, de imediato, também.

Ao Conde de Cantanhede

Sou informado que a fortaleza de São Gião tem grande necessidade de algũas couzas muito importantes pa sua defenza e que d esta mesma falta padeçe a fortaleza de Belem e a da Cabeça Seca e porq conuem acodir a tudo isto com grande prontidão, encomendo muito ao Conde de Cantanhede a quem tenho encarregado da deffensa da marinha de Cascaès e esta Cidade, mande logo acodir as ditas obras no modo e forma q lhe parecer mais conueniente e, particularmente lhe encomendo que se a obra q tem feito na Cabeça Seca dá lugar a se lhe poder por artilheria lha faça, porq compondo esta fortaleza no melhor modo q for possiuel, segundo o estado q de presente tem e pa esta despeza se Valerá de qualquer do meu q haja, particularmente das execuções dos Contos e Letras que vierem das ilhas e o mais da sua repartição se não estiuer aplicado e se tiuer necessidade de algum mais

que este decreto, p melhor execução do q fica dito, o pedira na Tesouraria de Estado onde ha ordem para se lhe passar.

Lixboa a 17 de junho de 1648. Com a rubrica de sua majestade.

... E não demorou muito a aprofundar as necessidades duma melhor defesa.

Ao Conde de Cantanhede

Decreto de 12 de outubro de 1649, sobre a conveniencia do estabelecimento de um Reduto junto a Torre de Belem.

Fuy informado que no surgidouro q esta abaixo da fortaleza de Bellem, conuinha fazer hum Reduto com algũa artilheria por ser aquella paragem acomodada para poder desembarcar gente se acaso esta barra for acometida por inimigos desta coroa. O Conselho de Guerra considerando esta materia me diga sobre ella seu parecer. Lixboa a 12 de outubro de 1649. Com a rubrica de sua majestade.

Informação do Conde de Cantanhede relativa ao assunto do decreto antecedente.

A V. Magestade

Tres surgidouros ha de S. Gião athe Belem, hum em Paço darcos, outro em Santa Caterina e outro em S. Joseph. No de Paço darcos, deixou feito D. Joseph



Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 - 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

de Menezes (seu tio) que Deos tem, hua bateria que tem outo peças de artilheria e eu fiz outra nhũ posto mais para qua a que chamão o Guincho em que pus quatro.

No de Santa Caterina fiz duas baterias, huã na ponta de Laueiras que tem seis peças de artilheria e outra na Boa-viagem que tem quatro, e entre estas duas baterias fica hum posto que chamão Cachias, onde se está fazendo huã trincheira cõ camissa de pedra e Cal e no meyo della fica huã esplanada com quatro Canhoneiras pera se por artilheria, que se lhe porã tanto que se acabar.

No Surgidouro de S. Joseph q Vem a ser o de Belem, a que chamão o mar nouo, hade haver duas baterias, hua na Cruz quebrada que se acabará breuemente e outra cuja obra se arrematou ha muy poucos dias em muy acomodados prezos e se hade começar a 15 deste, que fica Junto ao mosteyro de S. Joseph, esta hade ter outo peças de artilheria que estão ja promptas pera se lhe porem como estiuer feita e quatro estão tão bem promptas pa se porem na Cruz quebrada. Esta bateria de S. Joseph se da a mão com a Torre de Belem, e asi este surgidouro como os de Paço darcos e Sta Caterina ficão bastantemente defendidos por q não soo tem batarias p

Artilheria mas Vað se lhe fazendo trincheiras pera a Mosqueteria. De maneira que dis, de S. Joseph athe o Cabeço dos outo ouos q sao sinco p seis legoas de marinha, está tudo fortificado e com artilheria. Se Sua Magde que Ds gde, he seruido que de Belem p qua se fação algumas batarias mais, que tenho por couza muy necessária, mandandome farsehão cõ a mesma facilidade q as outras. Aonde me parece q conuem muito q se faça huma he na Trafaria. porque se o ynimigo entrar e Vir os Surgidouros desta banda fortificados, hasse de afastar pera a outra e hauendo naquelle posto artilheria não tera donde dar fundo. Deos gde a Vm como dezeio. o o pr de 9 bro 649. Assignado: O Conde de Cantanhede.

Assim começaram as construções fortificadas na maior enseada na Barra do rio Tejo.

(continua no próximo número)

Nota: Consultados os livros; “Fortificações Marítimas do Concelho de Oeiras”, de Carlos P. Calixto e “O Arco de Belém a S. Julião”, de L. Costa Guedes.

Carlos A.R. Frederico de Albuquerque



Av. dos Fundadores, 59-A
12770-072 PAÇO DE ARCOS
Tel. 21 441 02 85



creATIVE

MUSIC & ARTS SCHOOL



**NOVA ESCOLA
EM CAXIAS
RUA DO LOUREIRO, 2A**

**MÚSICA
ARTES PERFORMATIVAS**



**A ARTE ESTÁ EM TI
BE YOU, BE CREATIVE!**

Música para Bebés
Expressão Musical
Iniciação Musical
Curso Clássico
Rockschool
Yoga & Meditação
Escrita Criativa
Pintura & Desenho
Representação & Teatro

**Inscrições Abertas
dos 0 aos 100**

Certificação ABRSM e Rockscool

96 715 81 93 | 96 519 38 97

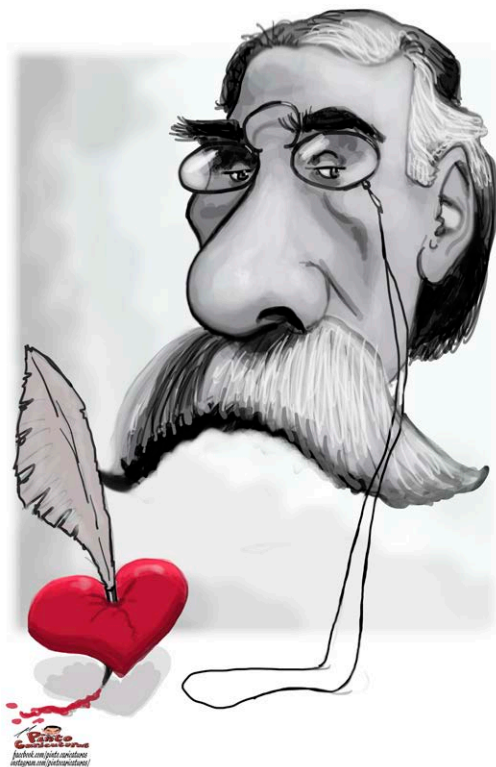
Biografia de Camilo Castelo Branco

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, na rua da Rosa, freguesia dos Mártires, no dia 16 de março de 1825. O pai, Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, era solteiro, e a mãe, Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira, era criada do pai. Apenas com dois anos, ficou órfão de mãe. Em 1830, frequentou a escola do mestre Inácio Minas, à rua dos Calafates. Nesse mesmo ano, com a irmã Carolina, acompanhou o pai a Vila Real, onde este fora colocado como diretor dos correios.

No ano seguinte, a família voltou a Lisboa, onde Camilo continuou os estudos primários na Escola de Sotírio Salazar, à Calçada do Duque. Em 1835, no dia 22 de dezembro, morreu-lhe o pai, na rua dos Douradores, que no século seguinte veio a ser celebrizada na obra de Fernando Pessoa. Os órfãos, ainda muito jovens, foram prejudicados na herança.

Em 1836, Camilo e a irmã foram enviados para Vila Real, onde ficaram ao cuidado de Rita Emília da Veiga Castelo Branco, irmã do falecido pai. O amante da tia Rita, João Pinto da Cunha, foi nomeado tutor das crianças. Em 1839, a irmã casou-se com o estudante de Medicina, Francisco José de Azevedo, e Camilo viveu na casa do casal durante algum tempo, em Vilarinho de Samardã.

No dia 18 de agosto de 1841, Camilo instalou-se em Ribeira de Pena, distrito de Vila Real, casou-se com Joaquina Pereira de França, a Quininha (de apenas 14 anos), passando a viver numa pequena



casa montada pelo sogro, um portuense abastado que fugira às invasões francesas e tinha um negócio na terra. Teve aulas de Latim, em 1842, com o Padre Manuel Rodrigues, em Granja Velha, pois necessitava de conhecer aquela língua para se inscrever em Medicina, no Porto.

Em 1843, deslocou-se a Lisboa para receber parte da herança e nasceu-lhe a filha Rosa. Frequentou o Liceu Nacional do Porto e inscreveu-se na Escola Médica e na Academia Politécnica. Dois anos depois, perdeu o ano por faltas na Escola Médica e passou por Coimbra, onde, segundo algumas versões, se terá matriculado na Universidade para fazer o curso de Direito.

Com uma vida atribulada e errante, em 1846 voltou a Vila Real onde se ena-

morou de Patrícia Emília de Barros, com quem fugiu para o Porto, tendo sido a fuga considerada um “rapto”. Acusados de furto (o que se provou não ser verdade), estiveram presos na Cadeia da Relação do Porto de 12 a 23 de outubro. Na cadeia, Camilo escreveu o drama *Agostinho de Ceuta*, que foi representado em Vila Real e publicado em livro no ano seguinte. Colaborou em jornais, o que se veio a tornar uma constante na sua vida. Também foi fundador de jornais, como *O Cristianismo*, e diretor d’*Aurora do Lima* e do *Nacional*.

Em 1847, morreu a sua primeira mulher, a Quininha. Mantendo a relação marital com Patrícia, escreveu peças jornalísticas muito críticas no jornal *Nacional* que lhe valeram a hostilidade do governador de Vila Real. No ano seguinte, chegou a ser agredido por causa dos seus artigos polémicos. Nasceu-lhe a filha Bernardina Amélia, e foi morar no Porto.

Em 1849, encontramo-lo entregue à vida boémia e ao convívio com a elite intelectual da burguesia portuense, frequentando cafés e teatros. Começou a colaborar no *Jornal do Porto*. No ano seguinte, foi morar em Lisboa, onde escreveu *Anátoma*, o seu primeiro romance de fôlego. Regressou ao Porto em outubro, e nesta cidade conheceu Ana Plácido num baile, vindo ela a tornar-se, anos mais tarde, a mulher da sua vida. Em 1851, inscreveu-se no seminário, mas desistiu. Mais tarde, em 1858, depois de insucessos como tentar em vão ser bibliotecário em Viana do Castelo, o seu amigo historiador, Alexandre Herculano, propôs o seu nome para sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Passou a relacionar-se com Ana Plácido, casada com um “brasileiro”, Manuel Pinheiro Alves, tendo este facto, provocado um grande escândalo. Ana Plácido, em 1859, abandonou o lar conjugal, após supostamente ter um filho do escritor, e foi viver com este. Ainda chegou a ser encarcerada num convento, por ordem do marido, mas esteve lá pouco tempo e foi juntar-se a Camilo, em Lisboa. Em 1860, o marido traído, como represália, impôs um processo de adultério à mulher. Camilo andou pelo norte fugindo à prisão, mas ambos acabaram por dar entrada na cadeia da Relação do Porto.

Em 1861, na cadeia, Camilo escreveu algumas das suas melhores obras, como *Amor de Perdição* e *O Romance de um Homem Rico*. O tempo passado na prisão, onde tinha uma vasta biblioteca, permitiu-lhe recolher material para mais tarde escrever *Memórias do Cárcere*. Já liberto, em 1862, o casal, com dificuldades económicas, foi viver para Lisboa, por lhe ser hostil o ambiente do Porto. No ano seguinte, nasceu o filho Jorge, e a 13 de julho, morreu Manuel Pinheiro Alves, deixando uma fortuna considerável. Em 1864, Camilo deixou Lisboa e foi juntar-se a Ana Plácido na casa de Pinheiro Alves. A 15 de setembro, nasceu o terceiro filho do casal, Nuno Castelo Branco, que veio a ser visconde de São Miguel de Seide.

Em 1868, com a colaboração de Ana Plácido, que usava o pseudónimo de Gastão Vidal de Negreiros, fundou e dirigiu a *Gazeta Literária do Porto*. Nesse mesmo ano, foi dado com louco o seu filho Jorge. Em 1869, viveu algum tempo em Lisboa. Dois anos depois, endereçou

uma carta ao bispo de Viseu, Alves Martins, pedindo-lhe que lhe fosse atribuído o título de Visconde de Montezelos (património do pai). O título foi-lhe recusado por viver amancebado.

Em 1872, deslocou-se a Lisboa para receber a visita de D. Pedro II, imperador do Brasil, que lhe concedeu a comenda da Ordem da Rosa. Em 1877, morreu com dezanove anos, Manuel Plácido, a quem se referia frequentemente como “filho do meu coração”. No ano seguinte, agravaram-se os seus problemas da vista. Em 1879, publicou *Eusébio Macário*, o primeiro dos romances «realistas» a que chamou «facetos» e que é considerado uma crítica aos escritores que defendiam a Ideia Nova, muito marcados pelo liberalismo e pelo ideal republicano. No ano seguinte, publicou *A Corja*, outro dos seus romances «facetos». Em 1883, vendeu em Lisboa, parte da sua livraria, constituída por aproximadamente 5000 exemplares, o que lhe valeu 2500\$00 réis. Também neste ano, publicou o seu romance *A Brasileira de Prazins*.

Em 1885, foi finalmente agraciado com um título, o de Visconde Correia Botelho. No ano seguinte, publicou o seu último romance, *Vulções de Lama*. Em 1887, ano em que deu a forma definitiva à sua obra-prima, *A Queda dum Anjo*, deslo-

cou-se duas vezes a Lisboa para consultar médicos, sendo um deles o famoso Sousa Martins. Na capital, também procurou apoios para que fosse atribuída uma pensão ao seu filho louco, Jorge Castelo Branco. A 9 de março de 1888, casou-se, enfim, com a mulher da sua vida, também escritora, Ana Plácido. No ano seguinte, estando a residir em Lisboa, na rua Capelo, recebeu no dia do seu aniversário a consagração de estudantes, escritores e artistas. Nesse mesmo ano, foi visitado na Quinta do Vale-do-Pereiro, pelo destronado imperador do Brasil.

A 21 de maio de 1890, por não encontrar uma solução para a cegueira iminente, suicidou-se com um tiro de revólver na cabeça, na casa de São Miguel de Seide.

Jorge Chichorro Rodrigues

(Adaptação da Biografia publicada no Livro sobre Camilo Castelo Branco da Coleção “MESTRES DA LÍNGUA PORTUGUESA”)

*Camilo Castelo Branco por Paulo Pinto
(Pinto Caricaturas)*

*instagram.com/pintocaricaturas
facebook.com/pinto.caricaturas
paulobpinto9377@hotmail.com*

CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

**Reparação de máquinas de costura
de todas as marcas**

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

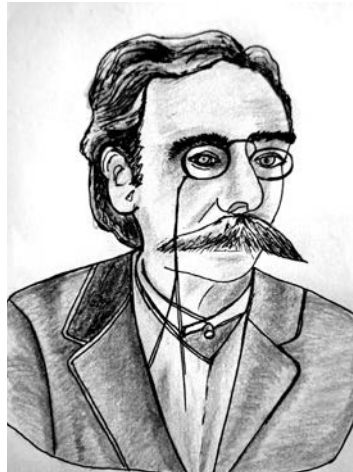
Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS

A queda dum anjo, de Camilo Castelo Branco

Nestes dois séculos passados sobre o nascimento do grande escritor que foi Camilo Castelo Branco, recordarei uma das suas obras-primas, o romance *A Queda dum Anjo*. Na minha humilde perspectiva, este é um dos romances mais divertidos e hilariantes que li na literatura portuguesa – e tive de ler dezenas deles para escrever a minha coleção “Mestres da Língua Portuguesa”, com trinta e um autores, e onde há uma maioria de escritores portugueses. Camilo não é propriamente um escritor cómico, muitas vezes ele é trágico, mostrando as sombras e os abismos da alma humana, o sofrimento de mulheres enclausuradas em conventos devido ao machismo da época, ou o egoísmo de famílias que se guerreavam entre si, devido a rivalidades ligadas ao poder do dinheiro. Quem lê Camilo, que foi o primeiro escritor profissional português, no sentido em que tinha de escrever para se sustentar, fica a conhecer a mentalidade do norte de Portugal, no século XIX, muito mais afeita às posses materiais do que à autenticidade do ser. A tragédia conheceu-a ele próprio na pele, chegando a estar preso, uma vez por ter sido acusado de furto, por se quererem vingar dele, e outra por ter “ousado” relacionar-se com uma mulher casada, Ana Plácido, que veio a ser a mulher da sua vida e com quem acabou por se casar.

Profundo conhecedor da natureza humana,

como o são todos os grandes escritores, Camilo, em *A Queda dum Anjo*, dá férias à tragédia e decide divertir-se e divertir o leitor, parodiando a figura de um “morgado de Angra de Freimas, Calisto Elói de Silos, nascido em 1815 na aldeia de Caçarelhos, termo de Miranda, e casado com a segunda prima D. Teodora Barbuda de Figueiroa, campónia sem qualquer sofisticação.”



Calisto Elói venerava o passado e queria que a tradição fosse respeitada. Quando foi escolhido para ir representar o círculo de Miranda no parlamento em Lisboa “Principiou, desde logo, a refrescar a memória com as suas leituras de história grega e romana; era isto entroixar ciência e enfeixar flores para o parlamento.” (...) “Depois releu a legislação dos bons tempos de Portugal, a fim de restaurar os bons costumes

desbaratados...” Para treinar os discursos que havia de fazer no parlamento, ia declamar na margem do Douro, “desde que raiava a manhã até à hora de almoço”, e os moleiros que o ouviam “benziam-se, pensando que o sábio treslera, ou coisa má lhe entrara no corpo.”

Chegado a Lisboa, começou por ir viver em Alfama, pois lhe tinham dito que “naquela porção da Lisboa antiga, a cada esquina havia um monumento à espera de um arqueólogo competente”. Ficou desolado porque os maus ares da capital e a carne amarelecida das mulheres não correspondia ao que lera nos livros. Havia um

abismo entre o que pensava que ia encontrar em Lisboa e a realidade com que se deparou. No parlamento, foi alvo de risota dos demais deputados da nação. Segundo o narrador, “O que certamente o desairava era o traje. Calisto Elói vestia de briche da Golegã, e dos alfaiates de Miranda.” Os seus discursos eram alvo de troça, faziam rir as galerias, e insurgiu-se certa vez por um deputado do Porto ter pedido subsídio para o teatro lírico da sua cidade: “Senhor Presidente! Eu tenho o desgosto de ter nascido num país, em que o mestre-escola ganha cento e noventa réis por dia, e as cantarinhas, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas por noite”. (...) “Eu sou de um país, senhor presidente, em que se pede ao povo o subsídio literário para pagar com ele as tramóias da Lucrecia Bórgia.”

Mas os ares impuros de Lisboa transformaram o púdico e conservador Calisto Elói, que acaba por se adaptar ao meio e por ganhar a consideração da câmara e do país. Foi assediado para se juntar a um lado ou ao outro, aos deputados governamentais ou à oposição. Um amigo chamado Sarmiento “lamentou que, em menos de três meses, o modelo do português dos bons tempos se baralhasse com os usos modernos e viciosos.” O novo Calisto esquece-se da sua Teodora Barbuda, aquela campónia sem sofisticação nenhuma, o “anjo” persegue outras mulheres, passa a frequentar os teatros e faz vida social. Ela quer ter notícias dele, mas o parlamentar fica tempos infinitos sem lhe responder. Tem uma amante, a mulher vem a Lisboa saber dele, chega a ir a Sintra procurá-lo, mas ele está em fuga, em França e na Itália para a evitar – e ela faz figuras ridículas na capital. Calisto acaba

por ter filhos da amante, e foram viver para o Solar de Travanca. O narrador informa, já no fim do romance: “O barão esperava que a mulher morresse, para legitimar os seus meninos, um dos quais se chamava Mem de Barbuda como seu décimo sétimo avô, e o outro Egas de Barbuda como seu décimo oitavo avô.” No fim, escreve o narrador: “O amor é tão engenhoso como a natureza”.

Camilo não se admiraria muito se viesse ver o Portugal de hoje. Teria muito com que se rir ao observar a atual Assembleia da República onde abundam os “anjos caídos”. Talvez se surpreendesse com certos contornos que ganhou o parlamento nos últimos tempos, mas nada que escape à natureza e à tragédia humana. Os provincianos continuam a chegar, mas os que têm mais sofisticação, já nascidos na urbe, certamente também têm muitas sombras para esconder. Uma grande parte de Portugal continua a admirar a França, como o deputado Libório Meireles, opositor de Calisto Elói no parlamento, mas, entretanto, chegaram as televisões, as redes sociais, e o inglês é a língua oficial da União Europeia. A natureza humana mantém-se a mesma, os Calistos Elóis andam por aí, alguns até podem chegar a Bruxelas, e sempre irá haver Teodoras Barbudas sem sofisticação a descerem à capital em busca dos seus maridos... E sempre haverá amantes desejosas de Calistos Elóis para lhes deixarem um dia, quem sabe, heranças e títulos para seus filhos...

Jorge Chichorro Rodrigues
Retrato de Camilo Castelo Branco
por *Lina Rock*
instagram.com/rocklina
facebook.com/lina.rock.184

MAESTRO CÉSAR BATALHA

Finalmente, a condecoração da República Portuguesa!

A Presidência da República Portuguesa, na pessoa de Marcelo Rebelo de Sousa, o vigésimo ocupante do cargo de mais alto magistrado da nação, atribuiu finalmente, a 13 de Fevereiro de 2025, a título póstumo, o grau de COMENDADOR DA ORDEM DO MÉRITO ao MAESTRO CÉSAR BATALHA (Oeiras, 3 de Setembro de 1945 – Lisboa, 14 de Janeiro de 2022).

Criador de “Eu Vi Um Sapo” e “A Todos Um Bom Natal”, César Batalha foi muito mais que isso. O fundador do Coro de Santo Amaro de Oeiras consagrou a sua vida à música, à cultura, à língua portuguesa e à promoção da tradição coral.

Pela sua batuta, passaram gerações de crianças e adultos, aos milhares, a contactar com as palavras cantadas de Fernando Pessoa, Miguel Torga, Maria Alberta Menéres, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Cecília Meireles ou Afonso Lopes Vieira.

Enquanto compositor, César Batalha criou também alguma da mais incrível música de cena para peças de teatro de Molière, Tennessee Williams, Donald Cobby, Gil Vicente, Almada Negreiros, Gomes de Amorim, Camilo Castelo Branco ou Natália Correia, entre outros.

Mas o mais incrível, que pude testemunhar de corpo presente, foi a sua abnegação e vontade de levar não só as suas composições, mas também clássicos eternos de Verdi, Bach, Mozart, Orff, Offenbach, Palestrina, Victoria, Händel, Gounod ou Bizet, ao longo de décadas, ao vivo, em



concerto ao país inteiro, incluindo os lugares mais recônditos e chegando fundo ao coração das populações mais desfavorecidas, isoladas e/ou esquecidas.

Em igrejas, bibliotecas, jardins, praças, adros, associações recreativas e desportivas, nas vilas mais inatingíveis de Portugal, onde por vezes nem sequer uma nota de erudição até aí havia entrado, foi com ele e por ele que levámos a Portugal e às comunidades portuguesas o maravilhamento da música.

Nunca serei capaz de esquecer-me dos sorrisos, dos queixos caídos, dos olhos de lágrimas de comoção e dos minutos sem fim de aplausos com que César Batalha e os seus Coros adulto e infantil de Santo Amaro de Oeiras foram, vezes sem conta, recebidos com o amor do público.

Na morte de César Batalha, Portugal e a música ficaram-lhe devedores de uma imensidão que agora – depois de muitos anos de luta por muitos de nós, seus cora-

listas – é finalmente reconhecida, a nível oficial do Estado Português.

Hoje, além da viúva Ema Batalha e do (necessariamente) pequeno grupo que a acompanhou, somos milhares e milhares as pessoas e vozes e corações que o nosso Maestro tocou, a ter um sorriso cantado!

E acredito também que o



imensamente maior número de pessoas e públicos que um dia partilharam, connosco e com ele, “esta imensa alegria”, estarão a sorrir e cantar também, sob a batuta eterna do Maestro.

*Ricardo Belo de Morais
Créditos das Fotos: Rui Ochôa /
Presidência da República*

Cerimónia de condecorações no Palácio de Belém 13 de fevereiro de 2025

O Presidente da República condecorou, em cerimónia no Palácio de Belém, as seguintes personalidades:

Cónego António Júlio da Silva Cartageno, Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada;

António Teixeira Pinto-Marques, Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique;

António Simões, Comendador da Ordem do Infante D. Henrique;

Maestro César Batalha, a título póstumo, Comendador da Ordem do Mérito, tendo recebido as insígnias, Ema Batalha, viúva do homenageado;

Pedro Araújo de Santa-Clara Gomes, Grande-Oficial da Ordem da Instrução Pública.

Eunice Muñoz

(Continuação
do número anterior)

Em 1988, Eunice foi protagonista em “Zerlina”, actuação que o extinto jornal “Sete” premiou, voltando a representar essa peça, em reposição, já em 1993, com João Perry como encenador. O seu trabalho foi também reconhecido oficialmente através da Medalha de Mérito Cultural da Secretaria de Estado da Cultura e o grau de Cavaleiro da Ordem de Santiago e Espada. Em 1991, celebraram-se os seus 50 anos de teatro, com uma exposição no Museu Nacional do Teatro, sendo Eunice condecorada, em cena aberta, no palco, pelo Presidente da República, Mário Soares. Em 1993, estreou-se em telenovelas, com a interpretação de D. Branca em “A Banqueira do Povo”, de Walter Avancini. Depois de estar algum tempo afastada dos palcos, regressou em 1995, numa peça de Athol Fugard, “A Caminho de Meca”, encenada por João Lourenço. “A Maçon”, peça escrita por Lídia Jorge, de propósito para Eunice, foi à cena em 1997, no palco do Teatro Nacional D. Maria II e, em 2001, “A Casa do Lago” de Ernest Thompson, encenada por Filipe La Féria, estreou-se no Teatro Politeama. Por esta altura, protagonizou diversas telenovelas, entre as quais: “Olhos de Água” (2001), “Sonhos Traídos” (2002), “Dei-te Quase Tudo” (2005), “Ilha dos Amores” (2007), “Equador” (2009) ou “Destinos Cruzados” (2013). Em 2006, representou pela primeira vez na casa a que deu seu nome, o Auditório Municipal Eunice Muñoz, em Oeiras, com a peça “Miss Daisy”, de Alfred Uhry, encenada por Celso Cleto, onde contracenou com



Guilherme Filipe e Thiago Justino. Nesse mesmo ano, foi apontada no livro “30 Mulheres” (Edição Edeline), como a mais talentosa mulher portuguesa. Em 2007, foi co-protagonista, com Diogo Infante, em “Dúvida”, de John Patrick Shanley, sob a direcção de Ana Luísa Guimarães, no Teatro Maria Matos. Em Maio de 2008, foi agraciada com o Globo de Ouro de Mérito e Excelência. Nesse mesmo ano, protagonizou o filme “Entre os Dedos”, de Tiago Guedes e Frederico Serra. No ano seguinte, voltou ao Teatro Nacional D. Maria II, com o monólogo “O Ano do Pensamento Mágico”, de Joan Didion, sob a encenação de Diogo Infante. Em 2011, voltou à cena com “O Comboio da Madrugada”, de Tennessee Williams, com encenação de Carlos Avilez, no Teatro Experimental de Cascais. Ainda nesse ano, apresentou “O Cerco a Leninegrado”, de José Sanchis Sinisterra, o qual teve estreia nacional no Auditório Municipal Eunice Muñoz, em Oeiras, no mês de Novembro. Celebrou então, no dia 28, o da estreia, os seus 70 anos de carreira, interpretando juntamente com Maria José Paschoal e sob a direcção de Celso Cleto. Em Maio de 2012, sofreu uma queda no Teatro Nacional D. Maria II, durante os ensaios de reposição da peça de Tennessee Williams, “O Comboio da Madrugada”, partindo os dois punhos e lesionando a cervical, sendo



a estreia cancelada. Em 2013, sofreu outro revés, quando lhe foi diagnosticado cancro da tiróide, tendo sido operada em Abril e submetida a tratamentos de quimioterapia. Após perder a voz, foi operada no Hospital Charles Nicolle, em Rouen, França, sendo de novo submetida a tratamentos, até Novembro de 2013. Fez terapia da fala e, em 2015, recuperou em modo parcial, a sua voz, num ano em que foi galardoada com o Prémio Sophia Carreira. Em Agosto de 2016, Filipe La Féria ainda chegou a anunciar o seu nome para integrar o elenco da peça “As árvores morrem de pé”, contudo, Eunice nunca chegou a entrar em cena. Em 17 de Outubro desse ano, a sua família fez um comunicado para anunciar a retirada do elenco, por causa do seu estado de saúde. Em Abril de 2021, ao comemorar 80 anos de carreira, decidiu encerrar o seu trabalho artístico, com a peça “A Margem do Tempo”, na companhia da neta, Lídia Muñoz, tendo no entanto, de fazer uma interrupção durante 20 dias, por ter sido hospitalizada devido a fadiga e fragilidade. Em Outubro de 2021, inaugurou-se na

Amareleja, sua terra natal, a Casa de Memórias Eunice Muñoz. Em sua homenagem, o marido da sua neta, Tiago Durão, realizou o documentário “Eunice ou Carta a uma Jovem Actriz”, estreado em Novembro de 2021. Em Janeiro de 2022, foi novamente internada, no Hospital de São Francisco Xavier, em Lisboa, devido a um pico de tensão arterial, dificuldades respiratórias e cansaço, recebendo alta hospitalar, em Março de 2022. Faleceu a 15 de Abril desse ano, no Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, onde se encontrava internada, havia dois dias, tendo sido decretado luto nacional por um dia. O seu legado artístico permanece bem vivo e certamente assim continuará pelo tempo adiante, junto do público, desde intelectuais a iletrados, no recordar e reviver das suas memoráveis interpretações.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

*Créditos: Eunice - tviplayer.iol.pt
Eunice Muñoz, Abril 2015 a receber o Prémio Sophia - Foto de Daniel Viana Martins*

PROGRAMA 6.ª MARATONA DE POESIA

Oeiras 2025 - 21 de Março - 14:00 às 24:00

Pretendendo comemorar o **Dia Mundial da Poesia**, a Poesia com Chá Luchapa - Associação Cultural, a Livraria Municipal Verney, a Livraria GATAfunho, a USO Universidade Sénior de Oeiras, a Biblioteca Operária Oeirense, o CENCO - Centro Cultural de Oeiras, o Espaço e Memória - Associação Cultural de Oeiras, a MAPA - Associação Cultural, a Universidade Sénior Nova Atena e a Associação Cultural "A Voz de Paço de Arcos", com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras e da União de Freguesias de Oeiras, Paço de Arcos e Caxias, organizam a **MARATONA DE POESIA OEIRAS 2025** nas salas abaixo indicadas, todas localizadas no **Centro Histórico de Oeiras**:

Hora	Livraria Municipal Verney	Livraria GATAfunho	Mercado Oeiras (1º Andar)	Mercado Oeiras (R/C) - Leitura de Poemas pelos Autores
			Exposição de Pintura de Maria Melo Sereno	
14:00	JOAQUIM PESSOA Francisca Patrício, José Mendonça e Jorge Mendes			
14:30	POESIA Nova Atena	T. S. ELIOT Inês Araújo		
15:00	CANTE ALENTEJANO (USO) Coordenação: Fernando Calado	ANTÓNIO CARLOS CORTEZ José Fernando Mendonça	CANTARES Nova Atena	
15:30	ÁLVARO DE CAMPOS Susana Duarte	FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO Maria Luz	POEMAS DE NOÉMIA DE SOUSA Maria de Abreu Morais	MICROFONE ABERTO
16:00	CANTARES Nova Atena	FEDERICO GARCÍA LORCA Graça Patrão	POESIA E MÚSICA Emília Gomes da Costa Fernando Calado	MICROFONE ABERTO
16:30	ARY DOS SANTOS Alice Duarte	HANNAH ARENDT Manuela Caeiro	BOSSA NOVA HISTÓRIA E MÚSICA Mário Santos Filipe Fernandes	MICROFONE ABERTO
17:00	GRUPO DE CANTARES E POESIA DO CENCO Coordenação: Amália Pereira	MARIA TERESA HORTA Ana Paula Jardim	POETAS FRANCESES CANTADOS Manuel Gaspar	MICROFONE ABERTO
17:30	JOGRAIS DA USO Coordenação: Emília Gomes da Costa	ADÍLIA LOPES Adelaide Gardete	INTUIÇÕES MUSICAIS José Augusto Coelho	MICROFONE ABERTO
18:00	OS GRISALHOS CANTAM OS POETAS Coordenação: Arlete Bessa da Fonseca	SYLVIA PLATH Inês Araújo	CCD OEIRAS	MICROFONE ABERTO
18:30	FADOS E CANÇÕES Jorge Mendes	MIA COUTO Emília Gomes da Costa	DANÇA COM POESIA Oeiras Dance Academy	MICROFONE ABERTO
19:00	POEMAS DE CABO VERDE Heloisa Monteiro Tony Fortes	SESSÃO ABERTA PARA OS MAIS JOVENS Anfitriões: Ana Paula Faria; António Gouveia; Inês Araújo	POEMAS DE FLORBELA ESPANCA Francisca Patrício	MICROFONE ABERTO
19:30	DE QUE NOS VALE A UTOPIA José Baião		A POESIA DE WALT WHITMAN Manuel Monteiro	MICROFONE ABERTO

Hora	Livraria Municipal Verney	Biblioteca Operária Oeirense	Mercado Oeiras (1º Andar)	Mercado Oeiras (R/C) - Leitura de Poemas pelos Autores
			Exposição de Pintura de Maria Melo Sereno	
20:00	WORKSHOP "Em cada um de nós, um poeta" diálogo entre fotografia e poesia. Miguel Partidário		MÚSICA DA LUSOFONIA Gilberto Nascimento, Tony Fortes e Magda	MICROFONE ABERTO
20:30	PEDRO BRANCO		POEMAS DE AMOR José Proença Carvalho	MICROFONE ABERTO
21:00	A POESIA Miguel Júdice Rita Baldaya Mário Fonseca	POEMAS E CANÇÕES DE RESISTÊNCIA João Paulo Oliveira (MAPA) Jorge Castro (EMACO)	COMO GOSTAMOS DE TERTÚLIAS Marquesa de Alorna (A. Barata); Camilo CB (José Baião); Sá de Miranda (Eduardo Barata); António Maria Lisboa (J. Mendonça) Texto de: Antonieta Barata	MICROFONE ABERTO
21:30	A POESIA DE MANUEL ALEGRE José Zaluar			
22:00	O'NEILL NOS TEUS OLHOS ALTAMENTE PERIGOSOS Margarida Maria Almeida Fernando Rodrigues	CESÁRIO ÁLVARO VERDE DE CAMPOS Ricardo Belo de Morais		
22:30	ARY DOS SANTOS Fernando Rodrigues Margarida Maria Almeida	FLORBELA ESPANCA Susana Pires Maria João de Aviz		
23:00	TERTÚLIA "A Importância da Poesia na Sociedade" Armando Soares, Filipa Laborinho, Susana Duarte, Hermenegildo Carvalho			
23:30	POESIA ERÓTICA Isabel Curica Tito Lívio			

NOTAS: 1- As Entidades e Associações Organizadoras reservam-se o direito de recolher imagens; 2- Entre as 15:30 e as 21:30 vai existir um espaço, no Mercado Municipal de Oeiras, para leituras de poemas pelos autores; 3- Este programa está sujeito a alterações, mesmo de última hora.

Eça de Queiroz no Panteão

No dia 15 de Janeiro de 2021, a Assembleia da República aprovou, por unanimidade, um projecto de resolução a propor concessão de honras no Panteão Nacional aos restos mortais do escritor José Maria de Eça de Queiroz.

Este tributo visava reconhecer a relevância ímpar da obra de Eça na história da literatura portuguesa, sublinhando a sua contribuição insubstituível para a cultura e identidade nacional.

No entanto, esta decisão não passou sem controvérsia. Um grupo de bisnetos do escritor avançou com uma providência cautelar, procurando travar a trasladação dos restos mortais de Eça para o Panteão Nacional, subindo o caso até ao Supremo Tribunal Administrativo. O desacordo entre os descendentes reflectiu-se na divisão entre os 22 bisnetos: 13 eram favoráveis à trasladação, 3 abstiveram-se e 6 manifestaram-se contra. Ainda assim, a Fundação Eça de Queiroz, situada em Santa Cruz do Douro, município de Baião, manteve-se a favor da iniciativa, uma vez que em Dezembro de 2020, já se havia manifestado a favor dessa homenagem.

O Supremo Tribunal Administrativo acabou por rejeitar o recurso interposto pelos seis bisnetos contrários à trasladação, abrindo o caminho para que Eça de Queiroz pudesse ser homenageado no Panteão Nacional, o que aconteceu no dia 8 de Janeiro de 2025.

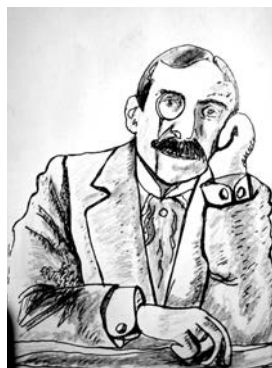
Nascido na Póvoa de Varzim, a 25 de Novembro de 1845 e falecido, em Neuilly-sur-Seine, Paris, França, a 16 de Agosto de 1900, Eça de Queiroz é celebrado como um dos maiores escritores da língua portugue-

sa. Depois de ter morrido em solo francês, o escritor foi trasladado para Lisboa, a 17 de Setembro de 1900, no navio militar “África”. As princi-

pais ruas da cidade exibiram faixas negras e o carro fúnebre foi bem ornamentado pelo amigo Rafael Bordalo Pinheiro. O cortejo, com honras de Estado, foi acompanhado por milhares de pessoas entre o desembarque no Terreiro do Paço e o cemitério do Alto de São João. Os restos mortais foram sepultados no jazigo dos Condes de Resende. A 13 de Setembro de 1989, em virtude desse jazigo estar abandonado e prestes a ser vendido, por decisão da família do escritor, procedeu-se à trasladação para o jazigo da Fundação Eça de Queiroz, no cemitério de Santa Cruz do Douro, Baião.

A obra de Eça é notável pela forma inovadora e crítica com que expôs as dinâmicas sociais, culturais e políticas do seu tempo. Entre os seus títulos mais emblemáticos, estão “O Mistério da Estrada de Sintra” (com Ramalho Ortigão), “O Crime do Padre Amaro”, “A Tragédia da Rua das Flores”, “O Primo Basílio”, “A Relíquia”, “Os Maias”, “A Ilustre Casa de Ramires” ou “A Cidade e as Serras”. Estas narrativas, com personagens deveras complexas e um estilo literário único, continuam a influenciar e inspirar sucessivas gerações de leitores, tornando-se uma parte essencial do património cultural português.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*



Desenho - Lina Rock

A Caminho do Bosque

Um bosque é uma floresta esparsa. No bosque as árvores encontram-se dispersas pelo terreno e os arbustos não cobrem o solo por inteiro. No bosque há tufos de arvoredo e há clareiras. O meio ambiente pode reflectir o tom esverdeado dos milhões de folhas suspensas dos ramos, mas a luz do sol, ao contrário do que sucede na floresta, ilumina a terra, e o manto de vegetação que sobre ela se acumula deixa os detritos vegetais e as miudezas do húmus à vista. Com precisão, os franceses designam o bosque de floresta clara. Assim deveria ser.

As designações, contudo, têm os seus caprichos. Ao pronunciarmos a palavra bosque, a imagem que surge é a de um ambiente obscuro, um lugar com penumbra, um esconderijo no meio do qual alguma coisa preciosa está à nossa espera. Alguma coisa antiga como a nossa infância, alguma coisa futura como a promessa de um mistério que maravilhosamente se anuncia mas não se revela. – Confirmo que assim é, por experiência própria. Agora eu voltei a viver na casa do bosque.

*

Mas uma coisa é a fantasia do sonho, e outra a realidade que a cria. Pois o que na casa do bosque existe de maravilhoso são as árvores. Ao longo dos anos, sempre aqui regresssei, e no entanto não as via. De vez em quando dava por que uma delas havia desaparecido, que uma outra havia sido posta no seu lugar. Dava por que as copas das oliveiras iam tomando novos formatos. Havia figueiras

de braços altos que os tinham pousado na terra, enquanto ao lado o tronco de uma amendoeira se cobria de verde sob o aperto da hera. Alfarrobeiras de grande porte agigantavam-se em frente da casa e as pernas altas, como mastros de navios, ameaçavam desprender-se e cair sobre o caminho. O damasqueiro encaminhava-se na direcção da janela da cozinha e a luz no interior da casa faltava. Havia então a ameaça de que teria de ser podada, quando viesse o próximo Outono.

A ameixeira a quem ninguém ligava, cobria-se de flores e no mês de Junho dava frutos em cachos amarelos exuberantes, ameixas que ninguém colhia, e de vez em quando, dando conta dessa generosidade, eu sentia remorsos por não lhe prestar atenção alguma. A palmeira nascia no lugar indevido e era trasladada para longe do pátio. A casuarina, enfezada, amarrada a um pau, sobrevivia de ano para ano sem formar em redor do tronco a opulência vegetal das penas do pássaro casuar. Tudo isso se passava, eu ia tomando nota de algumas dessas mudanças, mas apenas sabia da sua existência, como o rei sabe que existe o povo. Não as conhecia, não as amava. Agora, que regresssei à casa do bosque, e aí vejo surgirem as manhãs e as noites, e as madrugadas, quando as árvores saem da sombra e se apresen-



tam gradualmente à luz do dia, começo a tentar entrar no seu mundo, a espionar a maravilha das suas vidas.

Não se movem as árvores por inteiro. Só em Shakespeare, no *Macbeth*, as árvores da floresta de Birnam caminhariam na direcção do castelo de Dunsinane. Só as bruxas sabiam de que estavam a falar. Sei disso. Mas também sei que, não se movendo, as árvores têm movimento. Melhor dizendo, não param de se mover, ainda que a evolução que ocorre seja inapreensível ao nosso olhar. Não sei como procedem as árvores do bosque. Se olho para elas, parecem-me estáticas, a não ser que a brisa ou o vento as sacuda. Mas esse movimento é exterior às suas vidas. Refiro-me ao movimento das folhas, das raízes, das flores, dos frutos. Não consigo ver desabrochar uma folha, uma pétala, por mais que espere, imóvel, na sua frente. E no entanto, se saio pela manhã e volto pela tarde, acontece que se registou um movimento. A folha desabrochou, a flor abriu, o ramo ficou mais espesso. Porque não se manifestam diante de mim? Porque se escondem os movimentos das árvores? E por que razão não agimos nós pelo mesmo ritmo e não aprendemos com elas a ser lentas, a ter vagar, a viver tranquilas, se é o que parece? Se é que a sua tranquilidade não é apenas uma aparência aos olhos humanos? – É isto que eu penso, de madrugada, quando me levanto na casa do bosque e espero por que as flores das amendoeiras tenham coberto os ramos de branco rosado.

*

Caminho pela rua, deixo o sol raiar.
É verdade. Durante a noite, as pétalas

abriram sem que eu assistisse ao seu movimento. Então eu penso que Zenão, depois do paradoxo de Aquiles e a tartaruga, bem poderia ter criado o paradoxo das árvores. Ele que demonstrou como o herói da *Ilíada*, por mais que caminhasse nunca avançaria no espaço, dividindo-o em partes consecutivas até ao infinito, bem poderia demonstrar o oposto em relação ao movimento dos seres vegetais. Aos nossos olhos, a árvore não se move. Mas como todo o seu corpo se move, afinal, Zenão, o pré-socrático, poderia ter imaginado um salto no tempo. O tempo das árvores, inapreensível à vista desarmada, uma vez infinitamente expandido, alcançaria então a velocidade da luz.

Que encanto não teria sido para o nosso olhar de hoje, deslumbrados que vivemos com as percepções antigas que tudo vislumbraram antes de ser visto. E contudo não vale a pena fazer elucubrações de semelhante natureza, no meio das árvores do bosque. Que venha Max Planck, o criador da Física Quântica, e utilize o seu relógio de calcular neste caso. Por mim, quero imaginar apenas que no meio do bosque tranquilo, surgirá, à velocidade dos ritmos agitados dos homens, proveniente de um aparelho electrónico qualquer, uma voz humana anunciando uma boa notícia. Não sei o que as árvores pretendem. No meio delas, eu apenas desejo a boa notícia. Desejo-o, mas desconheço a dimensão do seu mistério.

Lídia Jorge

(escreve de acordo com a antiga ortografia)
Do livro “*Em Todos os Sentidos*”

A Junção do Bem

Tiago C. P. dos Reis Miranda



Em Oeiras, a história da “Junção do Bem” anda associada ao velho edifício do sanatório balnear para crianças, localizado numa das vias de acesso ao centro da vila. Subsiste ainda o correspondente registo na toponímia. A mesma designação identificou o insalubre conjunto de casas que se demoliu no fim do programa de erradicação das barracas do concelho, no ano 2000. Pouco depois, resgatando a memória das atividades desenvolvidas no sanatório e as principais diretrizes de duas outras instituições vocacionadas para o apoio infantil, tornou a surgir em Oeiras, uma entidade homónima: a Fundação AJB – A Junção do Bem. O que, entretanto, quase já se esqueceu é que essa história teve um primeiro capítulo mais a montante...

Aos 20 de outubro de 1912, o engenheiro agrónomo Francisco Júlio Borges elogiava n’*O Occidente*, a promoção de colónias de férias de crianças desvalidas “n’uma e n’outra (...) margens [do Tejo]”. Contribuíam-se, assim, para “a higiene física e moral” das novas gerações – esteio do futuro da pátria. Como explicava o publicista, “(...) d’essa obra depende o

rejuvenescimento da raça, e a formação dos atributos sociais com que melhormente se fortaleça e brilhe no quadro da civilização; e aqui, no extremo ocidente da Europa, ela reconheça a forte gente, d’uma nacionalidade historicamente grande” (grifo do texto).

A responsável por esses auspiciosos progressos era a recém-estabelecida “Junção do Bem”. Júlio Borges refere entre os seus dirigentes Joaquim José Nunes, Francisco Barreto, Arthur Moreira de Oliveira, António Júlio do Nascimento e Faustino Tavares Figueira. Poder-se-iam acrescentar Augusto Anselmo e Ramiro Montes Pinto (cf. *O Occidente* de 30.09.1913, pp. 303-304). Todos ou quase todos eram negociantes da freguesia de São Nicolau (cf. a *Republica* de 08.10.1915, p. 1), onde a nova entidade se sediava. A iniciativa teria partido do joalheiro Joaquim José Nunes (cf. *O Seculo* de 12.11.1916, p. 1), filho de Francisco Isidoro Nunes, prestigiado juiz de uma irmandade local e dono da loja da Rua da Prata, 171



Mercedes-Benz

Auto Caxiense

R.A. Mercedes

**MECÂNICA
PINTURA EM ESTUFA
ELECTRICISTA
BATE-CHAPA**

**BANCO DE ENSAIO
COMPUTADOR DE TESTES
(diagnóstico de avarias)**



autocaxiense@sapo.pt

Tel. 21 443 51 42
21 446 13 36

Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8
2760-126 CAXIAS

(cf. José Leite, aos 23.01.2025, em <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/>>).

Desde o início, a Junção do Bem terá pretendido auxiliar as famílias pobres de São Nicolau e, em especial, as suas crianças, propiciando-lhes um crescimento equilibrado, com refeições adequadas, banhos de mar, no verão, e temporadas de exercício no campo. Instituíra-se um auxílio específico à maternidade, que abarcava a assistência de um médico e um subsídio pecuniário nas derradeiras semanas da gravidez, que, em caso de necessidade, ultrapassava o momento do parto. Proceder-se-ia, também, a uma distribuição mais alargada de subsídios mensais para indigentes e a jantares completos nas Cozinhas Económicas.

Nos últimos dias do estio de 1912, a colónia de férias escolares que particularmente chamou a atenção de Francisco Júlio Borges, juntou 69 crianças, “de um e outro sexo, todas pobres e humildes”. Dia após dia, ao longo de duas semanas, elas saíram do Cais do Sodré e foram de comboio para a estação de Caxias, com reduções de 50% no preço dos bilhetes. Os banhos de mar, tomaram-nos no Lagoal.

A família que lhes serviu de apoio durante esse tempo foi a de D. Carlota Joaquina Rodrigues Afra e seu marido, José

Simões de Brito Afra. Certamente perto da sua casa, edificou-se uma barraca onde as crianças comeram depois dos banhos. “Ofereceu-se-lhe(s) leite com cacau, pão com manteiga e bolos”. Para os indispensáveis cuidados de higiene e saúde, contribuíram os Drs. António de Jesus Lopes, Ezequiel Barbosa, Fernando Waddington e Santos Tavares.

A fotografia que documenta essa colónia infantil (Figura 1) terá sido tirada no seu encerramento. Nela se encontram, de facto, dezenas de meninos parcialmente abrigados por uma barraca de pano e acompanhados por cerca de uma dúzia de adultos, homens e mulheres. Sacudida do vento, uma bandeira assinala a paternidade da benemerência. Ao fundo, sobre a direita, barracões de madeira e uma casa de alvenaria com telhado de duas águas e rendilhados típicos das construções balneares da época.

Em 1916, inauguraram-se as instalações provisórias da colónia infantil da Junção do Bem em Caxias, estando presente o Dr. Joaquim Manso, secretário do Presidente da República, em sua representação (cf. a *Republica* de 31.07.1916, p. 2). O edifício em causa era o chamado “*Chalet B*” do Lagoal (cf. *O Seculo* de 12.11.1916, p. 1) – que deveria integrar as propriedades de D. Maria





Fig.2 - D. Carlota Rodrigues Afra e um de seus filhos (O Occidente de 20.10.1918, p. 227).

Elisabeth Mauperrin Santos, viúva de António Florêncio dos Santos e mãe do também pedagogo Jaime Mauperrin Santos: no processo de tributação sucessória de Elisabeth, datado do ano de 1918, além da Quinta do Lagoal, constam seis prédios vizinhos, sendo os quatro primeiros identificados pelas A, B, C e D, e os dois últimos pelas letras E, F, G e H (PT/ACMF/DGCI/LIS/OE12B/IS/00625).

A casa dos Afras chamar-se-ia “*Chalet Carlota*” (cf. Registos Paroquiais de N.^a Sr.^a da Purificação de Oeiras, L.^o 49-O, n.^o 50) e estaria localizada na

antiga Rua Número Um do novo bairro junto aos Mauperrins. Em junho de 1909, por decisão camarária, essa via passara a chamar-se Av.^a Cabral (PT/MOER/MO/ORG-FOM/01/027). Como pouco depois se requereu permissão para erigir o edifício que ainda hoje se encontra no n.^o 20 da Av.^a Taborda de Magalhães, e, nessa altura, esse terreno era lateralmente delimitado pela Av.^a Croft de Moura e pela dita Av.^a Cabral (PT/MOER/MO/URB/08/152:1910), parece provável que o referido *chalet* se situasse na atual Gomes Freire.

Muito mais haveria a dizer sobre D. Carlota (Figura 2) e seu marido José – filho do funcionário ultramarino João Simões Afra e de sua mulher D. Arcângela Brito Afra, colaboradores do *Almanach Luso-Africano* (cf. Ricarda Musser, “A Esperança: a leitura e a escrita de e para mulheres em Cabo Verde, 1901. *ex aequo*, n.^o 39, 2019, pp. 23-38). José Simões Afra quis, aliás, construir segunda casa em Caxias, de que se conserva o projeto (PT/MOER/MO/URB/08/3:1911). Um dia contar-se-á essa história. Por ora, fica apenas a renovada lembrança dos postais ilustrados reproduzidos em junho, nesta coluna, com crianças levadas a banhos em colónias de férias no Lagoal, supostamente em meados da década de 1910. Pelo que aqui se apurou, não será impossível que aquelas imagens se encontrem, de facto, relacionadas com o primeiro ciclo de atividades da Junção do Bem no concelho de Oeiras.*

*Agradece-se o apoio prestado pela Sr.^a Dr.^a Maria Helena Évora, do Arquivo Municipal de Oeiras, e pelo Sr. Manuel Malato, do Serviço de Toponímia da Câmara Municipal de Oeiras.

STOOGES por um menor consumo de energia

Atualmente, o tema das alterações climáticas é muito abordado pelos órgãos de comunicação social. No dia-a-dia também vamos observando algumas modificações nos produtos e opções dos consumidores.

Todos os produtos têm impacto ambiental.

Esta afirmação, por ser tão lacónica, pode suscitar a dúvida de quem lê, todavia, vejamos o caso dos produtos de *software*, por exemplo, as aplicações (*Apps*) para telemóvel com sistema operativo *Android*. Veja-se a imagem seguinte, contida na aplicação *Stooges*, em Português “Estarolas”, a qual está disponível em:

<https://www.instagram.com/stoogesandroidapp/>

e

<https://www.facebook.com/people/Stooges-Android-App/61570926905468/>

Nesta *App* podemos verificar que ela contém fundo escuro, porque cores mais escuras correspondem a menor consu-

mo de energia, ou seja, a cor branca corresponde a consumo máximo e a cor preta corresponde a consumo mínimo.

Também importante para a sustentabilidade de uma *App* será

a simplicidade dos menus e do código utilizado para a implementar.

Resumindo, podemos considerar que a beleza da *App*, tal como surge aos olhos do utilizador, sem descurar que a beleza reside nos olhos de quem vê, tem ainda assim em conta estas restrições ambientais, e é algo em evolu-

ção, constante mudança.

<https://play.google.com/store/apps/details?id=pt.isel.stooges>

<https://www.instagram.com/stoogesandroidapp/>



Rui Carvalho

Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com

Os Sabores e os saberes dos Beijos

Já provei (beijos) de vários sabores / E é uma experiência bacana / Morango abacaxi, framboesa / Creme, chocolate e banana.

Tirei este excerto da música e letra de Erasmo Carlos, compositor e cantor que fez parceria de muito êxito com o nosso já conhecido Roberto Carlos.

Escolhi este título, porque os beijos, apesar de ser um comportamento quotidiano, a ele não damos o devido valor. Como diz o sábio provérbio “A mesma água não passa duas vezes pelo mesmo rio”. Tal como o beijo - é único.

Os sabores dos beijos vão além do paladar, são uma mescla de sensações físicas e emocionais. Eles podem ser como frutas maduras, doces e vibrantes, ou ter um tom crítico de algo inesperado. Às vezes, são como um chocolate amargo, intenso e marcante, enquanto, outras vezes, lembram mel, suavidade e



são reconfortáveis.

O beijo pode trazer consigo o fresco da menta, o calor do vinho ou até o toque salgado de suor num momento de entrega. Há também aqueles beijos que carregam o sabor de saudade, com um leve amargo por tudo que foi esperado e os que têm o gosto da descoberta como uma aventura que está ainda apenas no início.

Mais do que físico, os sabores estão temperados pelas sensações e emoções: o amor traz doçura, o desejo acrescenta intensidade, e a cumplicidade adiciona

CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE
IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)
PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL
PROJECTOS DE INVESTIMENTO
AUDITORIA

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, 18 D 2780-052 Oeiras

Telf. 214461740/8 * Fax 214461749

A VELHICE E A SUA DIGNIDADE

profundidade. Cada beijo é um mundo, único e irrepitível, onde os sabores são traduzidos pelos sentimentos que habitam no coração naquele momento. Os saberes do beijo são os que aprendemos através dele. Cada beijo representa um universo de significados e de sensações: ousadia e frio na barriga. Os beijos de amor consolidam-nos e eternizam-nos; os de despedida angustiam-nos e antecipam saudade; os “roubados”, o risco e a aventura.

Os beijos são laços de intimidade, formas de transmissão sem palavras, de tocar sem magoar, de doar-se sem medo. Cada beijo é um convite ao autoconhecimento e à compreensão do outro, temperada pela riqueza infinita de sentimentos que carregamos em nós.

Os sabores e os saberes dos beijos são camadas sobrepostas de experiências humanas, uma celebração do que nos liga e faz sentir vivos.

O beijo carrega, além do toque, uma

sinfonia de sentimentos traduzidos em sabores que ficam gravados na memória, únicos e especiais para cada história.

Juntos, os sabores e os saberes do beijo revelam o que é o ser humano: a capacidade de sentir profundamente e de aprender em cada gesto.

Termino esta minha crónica com sabor e saber em português. com um extrato da canção “Solta-se o beijo” do criativo grupo “Ala dos Namorados”.

Trago-te o beijo prometido / Sei o teu cheiro mergulho no teu tocar / Abraças a guitarra e voas para além da lua...

Amarro o beijo que se quer soltar / Espero que me sintas para me entregar / A cadeira, as costas, o cabelo e a cigarrilha / A dança do teu ombro...

Dito isto, o sabor do beijo que prefiro é do afeto. E já agora, qual o sabor preferido pelo meu estimado leitor?

Luís Álvares

grau de ima**G**nação www.grau.pt

DESIGN	PRODUÇÃO
Gráfico	Digital
Catálogos, brochuras, flyers	Pequeno e grande formato
Design de embalagens	
Criação de logótipos	
Design editorial	Offset
Merchandising	Pequeno e grande formato
Estacionários	
Web	Serigráfica
Criação e manutenção de websites	Têxtil

Alameda do Sabugueiro, 5A, Murganhal, 2760-128 Coxias
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

Os efeitos do stress no funcionamento do nosso intestino

Quem não se sente não é filho de boa gente! Este ditado parece um pouco fora do contexto deste tema, mas talvez por eu ser uma das vítimas desta síndrome, do mau funcionamento intestinal, acabo sempre por voltar a referi-la. Na verdade, deve haver muitas pessoas sujeitas a essa situação, com as variantes que lhe estão associadas, só que o assunto não parece ser da simpatia de uma conversa habitual. Apenas em situações extremas é que elas acabam por surgir.

Mas se passarmos pela farmácia ou pelas lojas de medicamentos não sujeitos a receitas médicas ou ainda por lojas de “produtos naturais”, vamos aperceber-nos da realidade de imediato; “Frutos e fibras” (passe o nome comercial), chás laxativos, laxantes suaves, numa panóplia de produtos e com uma enorme variedade de apresentações constituem uma quota das receitas diárias.

Quando se recorre ao médico de família, com prescrições para interferir nos problemas de ansiedade, noites mal dormidas por desconforto intestinal, cólicas, flatulência exacerbada, por vezes incontável, podemos avaliar a verdadeira

amplitude do problema.

Certamente que com o passar do tempo esta situação vai acabar por se tornar um drama psicótico e lá surgem os ansiolíticos...

Numa informação anterior, foi apresentado um texto relativo ao intestino e à colonização bacteriana e dependência do seu equilíbrio no seu bom funcionamento. Tive ocasião de referir-me à microbiota, como sendo o meio envolvente, e ao microbioma como sendo o conjunto da flora interna existente nesse local (bactérias, fungos e vírus). Alertei na altura qual era a importância do normal funcionamento dos intestinos para ter uma boa condição fisiológica, e da sua íntima atuação junto do sistema nervoso, nas suas diferentes variantes. De facto, os intestinos comportam-se como um segundo cérebro que existe no nosso organismo atendendo ao número de neurónios que lhes estão associados. Verifica-se que o stress tem um impacto significativo no funcionamento do intestino grosso, pois o sistema digestivo está intimamente ligado ao sistema nervoso





Restaurante
o Muchacho

Sabores Transmontanos
Tel: 916 870 373 - 967 448 988
f Restaurante o Muchacho

Posta Mirandesa
Francesinhas
Casulas
(Encerra à 2ª Feira)

GPS: 38°43'53.9"N 9°16'37.8"W

Urbanização junto à Igreja de Barcarena com estacionamento na frente e traseira



Restaurante ♦ Serviço de catering ♦ Take Away
Rua António Pereira da Cunha, nº7 - Loja 4, 2730-246 Barcarena

como já foi referido. Aqui estão alguns dos principais efeitos do stress:

Alteração da motilidade intestinal, que pode acelerar ou desacelerar o seu trânsito, causando **diarreia** ou **prisão de ventre**, uma vez que o sistema nervoso autónomo regula os movimentos do intestino, e sob stress, ele pode agir de maneira desordenada.

Desequilíbrio da microbiota intestinal, uma vez que ela pode atrasar ou avançar o trânsito intestinal, o que faz que haja uma maior ou menor permanência do bolo fecal e maior desenvolvimento dos componentes da flora que constitui o microbioma. Verifica-se assim que o stress crónico, pode alterar a composição das bactérias do intestino, favorecendo o crescimento de microrganismos prejudiciais, aumentando por exemplo, a flatulência e consequentemente mal-estar ou cólicas.

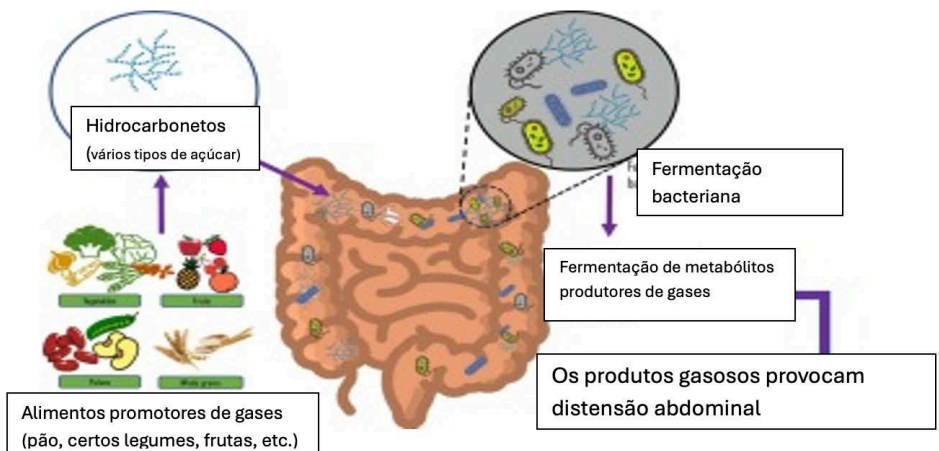
Inflamação. Nessas circunstâncias de desequilíbrio, podem desencadear-se problemas como inflamação e maior sensibilidade intestinal. Esta questão da inflamação intestinal pode ser devida à liberação de hormonas como o cortisol,

que podem aumentar a permeabilidade intestinal e facilitar os consequentes processos inflamatórios. Estas situações particulares podem eventualmente estar relacionadas com a síndrome do Intestino Irritável (SII) e a Doença de Crohn.

O stress pode estar ainda na causa de um aumento da sensibilidade do sistema nervoso intestinal tornando o intestino mais reativo a estímulos normais.

Verifica-se por vezes, mesmo num processo digestivo com dieta adequada, haver dor abdominal, inchaço e desconforto digestivo, com consequências no bem-estar geral e influenciando o sono.

A alteração do comportamento do trânsito intestinal pode ter igualmente um papel relevante na absorção dos nutrientes, especialmente no caso das vitaminas e minerais essenciais. Esta situação desenvolve-se com maior impacto quando a digestão fica comprometida, aqui estará igualmente em jogo a dieta alimentar alterando ainda mais o equilíbrio do sistema. Existem nutrientes que são simplesmente intolerados pelo intestino, o que leva a uma situação dupla, reativa e negativa.



Deve-se, portanto, para além dos fatores devidos ao sistema nervoso propriamente dito, evitar fatores que influenciam a produção de gases: seguir uma dieta adequada evitando consumir alimentos como feijão, lentilha, brócolos, cebola, alho e produtos lácteos que aumentam a produção de gases. Infelizmente, a flatulência é uma consequência natural da fermentação bacteriana dos alimentos no intestino grosso.

Será aconselhável, portanto, acompanhar a evolução do nosso estado fisiológico e manter uma digestão eficiente, recorrendo a alimentos que reconhecidamente não afetem a digestão e que facilitem o trânsito. A falta de enzimas digestivas (ex.: lactase) leva à fermentação excessiva pelo microbioma.

Consumir pode ser uma solução, recorrendo a probióticos e pré-bióticos: estes embora benéficos a prazo, podem aumentar temporariamente a flatulência enquanto o microbioma se adapta.

Em resumo: como reduzir os efeitos do stress no intestino? Podemos aplicar situações como:

Recorrer a uma alimentação balanceada: Rica em fibras insolúveis, recorrer a pré-bióticos e probióticos (especialmente quando a flora foi muito afetada por antibióticos).

Praticar atividade física: provoca uma melhor motilidade intestinal e logo reduz o stress.

Exercer técnicas de relaxamento: Meditação, respiração profunda e yoga podem ajudar.

Manter um microbiota equilibrado: Essencial para controlar a produção de gases e evitar desconfortos.

Promover uma hidratação adequada: Essencial para um trânsito intestinal saudável. Não só porque facilita o aumento do tamanho da matéria em trânsito, como a sua maleabilidade, moldando as fezes e facilitando a evacuação.

A relação entre o stress e o funcionamento do intestino grosso é **bidirecional**, ou seja, **o stress pode afetar o intestino, e problemas intestinais podem gerar ou agravar o stress.**

Esta situação acontece devido ao **eixo intestino-cérebro**, que permite uma comunicação constante entre o sistema digestivo e o sistema nervoso central.

Ou seja, **cuidar do intestino ajuda a reduzir o stress, e controlar o stress melhora a saúde intestinal.**

*Eduardo Barata
(professor auxiliar FFUL, aposentado)*

RESTAURANTE
Borges

Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

Facebook, Instagram, TripAdvisor icons

TAKE-AWAY
ENCOMENDAS 214432659/938499790
Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€
Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo

Map showing location in Paço de Arcos, near Escola Náutica, Marginal, and Estoril/Cascais.

MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS

Camões, misterioso há 500 anos

Esteve patente em Linda-a-Velha, na Galeria de Arte do Palácio dos Aciprestes, entre 8 e 14 de Fevereiro, a exposição do Mestre Luís Vieira-Baptista, “Camões, misterioso há 500 anos”. Inspirado na figura enigmática de Luís Vaz de Camões, o pintor, com atelier em Caxias e portador do conceito estético por si criado, o “Visionismo”, fez uma interpretação pictórica do poeta, em 16 trabalhos artísticos. Estas pinturas exploram a vida e obra do célebre autor de “Os Lusíadas”, através de uma abordagem contemporânea e simbólica.

A exposição foi inaugurada com uma palestra dedicada ao legado de Camões e um recital de piano pelo maestro Kodo Yamagishi, do Teatro Nacional de São Carlos.

Luís Amorim

(escreve de acordo com a antiga ortografia)



Avermelhando um dia cinzento

Alice acordou, contra a sua vontade, de um sonho colorido e quente. A chuva a bater com toda a força contra a persiana esfriou-lhe o acordar... Fechou os olhos e fez muita força para voltar ao sonho, mas nem ao sono conseguiu voltar!

A maluca da chuva a dar uma enorme tarefa à persiana. Que violência! Como detestava a chuva, o frio, os dias sem sol, sem luz! Sonhava com países tropicais, com mergulhos em azul turquesa, olhares húmidos despertos por corpos morenos esculpidos em contra-sol... Adorava sonhar a cores quentes!

O calor da cama chamava-a, mas o trabalho, esse mata-sonhos, chamava-a fortalecido com o poder da realidade.



Deu um salto e aterrou no tapete. Espreguiçou-se gostosamente e sentiu o Tobias a roçar-lhe nas pernas! Dengoso, este felino preto e felpudo! Fez-lhe uma festa que deslizou pelo aveludado daquele pelo longo. Que calmante era esta criatura!

Abriu as persianas e olhou a cidade lá em baixo e o céu mesmo em frente. O céu cinzento, a cidade cinzenta, o asfalto cinzento: belo dia que se pinta sem cor!

Alice tomou banho, tomou o pequeno-almoço e tomou uma decisão: hoje iria vestir aquele vestido sensual e vermelho que lhe fazia bem ao ego!

E lá saiu para a rua cinzenta, avermelhando o seu dia com a paixão que o sonho lhe inculcara e que o vestido lembrava.

Que bom poder sonhar, semeando papoilas pelos dias cinzentos. Avermelhar é preciso!

Maria Júlia Pacheco



**Paço
d' Arcos**
Escola de Condução

INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES

Rua José Moreira Rato, 6A
2770-106 Paço de Arcos
Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03
Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • facebook.com/ecpa1 • www.ecpa.pt

Escola Associada ANIECA
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT
Revalidações Cartas
e Documentos Veículos e Condutores

Mãos de mãe!

*As mãos de minha mãe eram formosas
Doces...ainda sinto na pele os mimos.
Mas nos sonhos, elas vivem vigorosas,
tal como no carinho as sentíamos.*

*Nos vestidos elas faziam lacinhos
e faziam-me canudos nos cabelos.
Era ave mimando seus filhinhos,
com ternas asas conseguia defendê-los.*

*Ensinou-me a rezar, pois a fé nos salva.
Mãe guerreira, lutadora, muito segura.
Foi luz no meu céu, era estrela de alva.*

*Amorosa, uma cascata de ternura.
De prata lavrada, a mais linda salva
que vertia mel, oferecendo doçura.*

Virgínia Branco

Esta Noite

*Passei esta noite a transportar montanhas.
Movimentei-as de um lado para o outro
desfiz-lhes os cumes, derreti-lhes as neves
eternas
criei lagos nos sopés, cerquei-as de árvores
e visitei-lhes os ossos de pedra
que se miravam nas águas claras
espelhos para onde empurrei
a sombra das nuvens brancas
que de novo entreguei às montanhas.*

*Finalmente, quando era madrugada
avistei um recanto de flores lilases.
Aí repousei a minha cabeça.*

E as montanhas não se riram de mim.

Do livro "O Livro das Tréguas"
Lídia Jorge

*Há mulheres que trazem os livros nos
olhos
passam rímel de palavras pelas pesta-
nas
outras trazem o mar no ventre
quando salgam os poemas.
Umam velam a lua sobre o peito
enquanto um rio percorre o seu fluxo
e nas torrentes do inverno
acendem nas mãos o seu lume.
Outras encostam os olhos às paredes
da casa
atravessam o silêncio
contornam o cansaço
quando desafiam as suas histórias.
Uma Penélope, uma Beatriz
a Ilha dos Amores que não existe
um Sebastião que come tudo
e outro que não regressa.
Há mulheres que de tanto esperarem
jamais vivem.*

Do livro "Ofício volátil da memória"

Sílvia Mota Lopes

Perspectivas

*Ofereci-te uma flor há um século atrás
Faz hoje precisamente três anos
Estás a mesma
Não te conheço de tão diferente
Amava-te.*

Paulo Ferreira

Virtual

*Este é o espaço
da nossa vulnerabilidade
do nosso Ser
da nossa intimidade
dos segredos mais abafados
das verdades mais duras
e mais doces
do nu
do despido
da entrega da alma, do coração
do corpo
do tudo e do nada...*

*É o espaço da poesia
do erotismo, dos sentidos
do sonho
do confessional e
da absolvição
da partilha, da compreensão
dos medos mais temidos
da afinidade, da descoberta
da ternura, do riso, da lágrima
da vida, do quotidiano
sem saber se haverá amanhã...
Um espaço à parte, só nosso...
e dele não arredarei pé...*

*Do livro “Reflexos – Poesia de Im-
provisado”*

Carla Cardoso

Para Aqueles Que Creem

*Sempre haverá uma luz no meio da escuri-
dão.
Sempre haverá uma flor no meio do deserto.
Sempre haverá um abraço para aconchegar
o coração.
Sempre haverá estrelas para indicarem o
caminho certo.
Sempre haverá um sorriso para manter
acesa a esperança.
Sempre haverá a convicção de que à tempes-
tade sucede a bonança.
Sempre haverá harmonia a sobrepor-se ao
caos e à maldade.
Sempre haverá o triunfo da beleza, da justiça
e da verdade.*

Jorge Chichorro Rodrigues

Eu sou o vento que passa

*Eu sou a aurora
o sol nascendo ao de leve
sou o Poeta de sílaba breve
e que pensa tudo agora.*

*Eu sou o próprio destino
e a sombra dum passado
com o amor revigorado
meio sem jeito e sem tino.*

*Eu sou a arte de amar
p’los anos envelhecido
já débil mas enternecido
no seu manso trautear.*

*Eu sou o homem de raça
sempre amante, lisonjeiro
vou na voz de um cancionista
eu sou o vento que passa.*

Mário Matta e Silva

Concertos comentados em Oeiras

Realizam-se no Auditório Municipal Maestro César Batalha, Alto da Barra os Concertos Comentados pelo Maestro José Soares, com a seguinte programação:

Dia 8 de Março (sábado) às 17h00
Marta Martins (soprano) e Mariana Soares (piano)



Dia 22 de Março (sábado) às 17h00
DUO de PIANO a 4 Mãos
Mariana Soares e Manuela Fonseca – Piano



Sinopse: “A MÚSICA NO TEMPO DE MARQUÊS DE POMBAL é um Programa do Município de Oeiras e tem por missão maior a divulgação da Música do período barroco e a formação de um público exigente e sabedor, para uma excelente fruição do Belo que a Grande Música possibilita”

José Soares

Tertúlias de atenção aos Outros, em OEIRAS

Clube Alto da Barra: 6 de Março, 5.^a feira, 14h30: Vinho de Carcavelos, denominação de origem controlada (DOC), com Dr. Manuel Machado; e apresentação do livro “Conheceram-se na Patagónia”, de Paulo Sintra/Joaquim Sobral; talvez haja prova de vinho...

Livraria Verney, 17 de Março, 2.^a feira, 14h30: Apresentação de livro do fotógrafo coronel Carlos Ricardo, a confirmar...

CAS/IASFA, Oeiras, 26 de Março, 4.^a feira, 14h30: Homenagens póstumas a professor Adriano Moreira e/ou comandante Carlos Almada Contreiras, a confirmar...

Clube Alto da Barra: 3 de Abril, 5.^a feira, 14h30: Instituto de Apoio à Criança

Livraria Verney: 21 de Abril, 2.^a feira, 14h30: Sociedade Portuguesa de Autores

M.B.C.

Parabéns Casa João!

AVoz de Paço de Arcos saúda um dos seus mais antigos anunciantes, pelo 67º aniversário.

Saudamos a Sra. D. Maria Helena, viúva, e a sua filha Maria de Fátima, pelo seu esforço e dedicação ao projeto familiar fundado pelo saudoso Sr. João Santos.



Habitação para a “classe média”

A Cooperativa Nova Morada tem 48 anos de existência. Já construiu o Bairro Nova Morada, em Paço de Arcos, com 431 fogos. Participou na construção de outro bairro, com 256 fogos (na Fábrica da Pólvora), entre outros programas de construção.

Foi agraciada com a Medalha de Mérito Municipal (Grau Prata e Grau Ouro) e possui o Estatuto de Utilidade Pública.

Com base na experiência adquirida, entendemos que, para construir habitações a preços acessíveis para a “classe média”, existem 4 pontos fundamentais, que poderão ser abordados com maior pormenor em futuros artigos:

1. Redefinição da política de solos;
2. Disponibilização de terrenos a preços mais acessíveis;
3. Financiamento da construção;
4. Construção de habitações a custos otimizados.

Ponto 1 – É, obviamente, necessário redefinir os PDM para que passem a existir terrenos a preços reduzidos. Para tal, ter-se-á que converter terrenos rústicos para terrenos com potencial construtivo.

Defendemos que as Autarquias se constituem como as entidades com maior legitimidade para a referida reclassificação. São detentoras de um conhecimento muito objetivo dos terrenos do Concelho e possuidoras de estruturas técnicas de planeamento urbanístico para esse território.

Considerando a opinião da Dra. Filipa Roseta, relativamente à validação das mencionadas reclassificações, deverá constar

na Lei, o prazo de 20 a 30 dias para pronúncia das entidades competentes (para validarem, ou não). Caso contrário, esta validação poderá prolongar-

se no tempo. Os argumentos não faltarão: insuficiência de Recursos Humanos, complexidade da avaliação, falta de meios, entre outros. Logo, ao contrário de se evitar atos ilícitos nestes processos, acrescentar-se-iam condições para os potenciar (é sabido que as dificuldades para as concretizações dos objetivos permitem a emergência de procedimentos menos corretos). Assim sendo, para que se produza uma legislação eficaz que se traduza, efetivamente, em resultados com impacto neste sector, então, por favor, não compliquem.

A eventual existência de futuros alegados atos ilegais, deverá ser fiscalizada pelas entidades competentes e, a serem confirmados, deverão ser aplicadas as respetivas penas. Com critérios objetivos, o ato de fiscalização poderá estar mais facilitado.

Ponto 2 – A disponibilização desses terrenos (reclassificados) deverá obedecer a critérios definidos claramente. Será razoá-





vel que 70% da construção edificada nesses terrenos deva ser colocada à venda a preços, entre 20% a 30% inferiores aos do mercado, em cada Concelho. Critérios como o valor final da habitação são mais realistas, exequíveis e passíveis de atingir o objetivo, do que critérios de limitação de custos para a construção, ou das áreas de construção. Entendemos que as habitações construídas através das Cooperativas poderão adotar uma redução muito significativa comparativamente ao valor do mercado.

Relembramos que no passado foram construídos milhares de fogos pelas Cooperativas (só no Concelho de Oeiras foram cerca de 5000). A reduzida disponibiliza-

ção de terrenos às Cooperativas levou a que nos últimos 25 anos não tenham existido programas de construção com a dimensão necessária.

A este respeito, salientamos o excelente trabalho desenvolvido na Câmara de Lisboa (pela Sra. Vereadora Filipa Roseta), sendo que a Câmara disponibiliza (para as Cooperativas) terrenos sem custos, no regime de direito de superfície a 90 anos, com projetos aprovados, em condições de se iniciar construção.

Estamos convictos, e sinceramente esperançados, que a Câmara de Oeiras e o seu Presidente, o Dr. Isaltino Morais (na sequência da postura e sensibilidade muito particular para as questões sociais e da qualidade de vida no Concelho, que o têm caracterizado), encontrarão soluções que permitam a disponibilização de terrenos, neste âmbito.

Ponto 3 – O financiamento para a construção é a condição mais delicada e nuclear, dado que é fundamental que as instituições bancárias se afirmem como um

Ofetalopticas
A olhar o futuro.

optivisão

@ ofetal@ofetal.pt
www.ofetal.pt
facebook/ofetalopticas

Oeiras Vila Rua João Teixeira Simões, 3 2780-254 Oeiras T. +351 214 425 100	Moinho das Antas Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5A 2780-241 Oeiras T. +351 214 427 944
Oeiras Fórum Rua Dr. José da Cunha, 33B 2780-187 Oeiras T. +351 214 415 916	Paço de Arcos Rua Costa Pinto, 95-97 2780-582 Paço de Arcos T. +351 214 422 717



parceiro neste objetivo de construção de casas a preços acessíveis para a “classe média”. Sabemos que a confiança nas instituições (e nas pessoas que as representam) é um elemento absolutamente indispensável para a conceção de crédito bancário. A Nova Morada tem as Contas Certificadas há muitos anos, por Revisores Oficiais de Contas (a BDO, uma das 5 maiores a nível mundial). Obviamente, consideramos a transparência como um valor fundamental. Por esta razão, as nossas Contas são públicas.

No passado, só foi possível construir os referidos milhares de fogos, com financiamento bancário e com taxas de juro bonificadas (pelo então, denominado INH, atual IHRU – Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana).

Deste modo, para além de existir financiamento, é importante que o valor

das taxas se enquadre nesta pretensão de construção de habitações a custos mais reduzidos.

Ponto 4 – A construção das casas afirma-se, naturalmente, como a componente de valor mais elevado do custo genérico.

Também nesta matéria é possível o estabelecimento de parcerias entre as Cooperativas e as Empresas de Construção. Nomeadamente, perspetivando uma redução das margens de lucro praticadas pelos construtores. Relembramos que 30% das casas (no âmbito destas reclassificações dos terrenos) poderão ser construídas fora dos “custos controlados”. A seleção criteriosa destas Empresas/Parceiros até se poderá constituir como um elemento facilitador para as eventuais obtenção de crédito e redução das taxas de juro.

Uma vez mais, para a concretização destes “negócios”, são indispensáveis a credibilidade e a confiança entre as pessoas que estão a dirigir as respetivas instituições.

Haja, então, uma singela sensibilização e a necessária e primordial vontade dos decisores políticos, porque as Cooperativas já estão disponíveis para, de novo, darem um real contributo para a solução do problema da habitação em Portugal. Em particular, a Nova Morada está disponível!

Paulo Ceia



LAVANDARIA

OS ARCOS

LIMPEZA A SECO - LAVANDARIA - PELES
CARPETES - CORTINADOS, ETC, ETC.

RUA PATRÃO JOAQUIM LOPES, 15
PAÇO D'ARCOS

TELEF. 214 436 731
2780 OEIRAS

Tempos de Oeiras

Estamos hoje a começar percurso, parados entre jardins, pois que na anterior crónica demos conclusão de passeio em frente ao Jardim Municipal de Oeiras, portão grandioso, recebendo as vistas da ferroviária ponte (obra da arquitectura do ferro de finais do século XIX), imponente por ângulos diversos, em cima de ponte seguinte, por exemplo, visualizando ribeira da Laje, parque de campismo e dando o afastar da entrada antes citada. Caminhando apenas no procurar diferente acesso, o portão um pouco mais adiante, por onde entram veículos rumo ao parque de estacionamento quase permanente, pois que festas do concelho ocupam esse largo espaço, uma vez por ano, à volta do início de veraneio tempo. Iremos, na certeza mais do que prometida ao outro lado, bem ajardinado, antigamente a Quinta do



Parque de Merendas

Couto ou do Proença, enquanto hoje, caminharemos por aqui, onde esteve, em tempos idos, a Quinta do Mocho e, depois, da Arriaga. Designações curiosas, mas que reportam a proprietários sonantes, nesta última Quinta, tendo sido uma das mais destacadas e importantes casas nobres da vila de Oeiras, não só pelo seu grandioso volume, mas também pela opulência da construção e prestígio dos proprietários. O primeiro nome atrás citado, de Quinta designação, respeito dizia ao antigo sítio do Mocho, onde estava situada, tendo sido o primeiro dono, Jorge Rodrigues Lançada. O quinto terá sido Miguel de Arriaga Brum da Silveira, um magistrado nascido na Horta, Ilha do Faial, com sua esposa D. Mariana Joaquina Apollonia de Vilhena Coutinho. Esta senhora passou à posteridade com o singelo nome de Mariana de Arriaga, nascida no seio de uma nobre família minhota, com assento na corte régia, em Arcos de Valdevez, a 16 de Agosto de 1748.

A fama da Quinta da Arriaga foi notória, muito devido a essa senhora, até à sua ven-



FL&A

CONTABILIDADE E CONSULTORIA

Proximidade, confidencialidade e rigor



214 420 036



afernandeslopes@sapo.pt



R Alfredo Lopes Vilaverde 7
2760-000 - Paço de Arcos

www.fla-associados.pt





PORTUGAL — Oeiras — Vista geral

Vista sobre a Quinta da Arriaga, com o seu palacete ao centro. À esquerda deste, na Rua Desembargador Faria, a antiga Fábrica de Malhas. (1920) Ref. [PT/MOER/MO/NF/003/000088]

da em 1944, embora já pertencendo a outra família. A Câmara Municipal de Oeiras adquiriu a parte rústica da propriedade, com o total de 14112 m², conservando-se, no entanto, a parte urbana, mantendo-se esta na posse dos seus descendentes.

Nessa altura referida, a população reivindicava por espaços de lazer e assim, muitas estruturas privadas passaram a públicas, como a Quinta da Arriaga, então integrada no Jardim ou Parque Municipal de Oeiras. Acabara o seu ciclo produtivo, de agricultura dizendo, para se converter em espaço de lazer. O município já havia comprado a adjacente propriedade, a Quinta do Proença, onde implantou um amplo espaço verde. Então, numa visão de futuro, anexou-lhe esta aquisição, a área lúdica e de recreio, com a ribeira da Laje a separá-las, embora com duas pequenas pontes de acesso entre ambas, nos dias actuais.

Oeiras perdeu então uma tradicional exploração agrícola, mas ganhou uma importante zona verde, onde se instalou um parque de campismo, entretanto desactivado, devido sobretudo, à má vizinhança da pestilenta ribeira, mas que, antes desta situação se agravar, era muito frequentado

e até constava dos roteiros campistas internacionais, tal como a agradável estufa fria, agora bem lembrada, mas de portões tristes e fechados em sucessivas vontades de acesso turístico, impedindo um refrescante passeio entre as plantas e arbustos das mais diversas espécies que ali coexistem. Outras vertentes do passado foram um circo, ainda que de realização pontual e um picadeiro, inclusive com desportivas provas. Nos dias ao hoje abordado, temos um pavilhão, espaço para cães correrem e saltarem, tais como uma vintena de gatos, envolvida no “Programa de biocontrolo de roedores”, o qual garante o total desaparecimento dos ratos existentes no jardim, sem recurso aos perigosos raticidas. Pela nossa caminhada, após breve descanso em zona de repouso, olhando para o alto, é razão bem justificada para apreciar o Pavilhão Octogonal, um pequeno edifício do século XVIII, hoje em dia um restaurante, situado na Rua Desembargador Faria. Tem perímetro octogonal e ainda conserva no seu interior um tecto pintado.

A Quinta da Arriaga tinha solo fértil, água era abundante, alguns poços, duas noras (a grande e a do rio) que alimenta-



Picadeiro no Jardim Municipal, com uma prova de Hipismo. Ao fundo, vista parcial do Pavilhão Octogonal da antiga Quinta da Arriaga. (1989) Ref. [PT/MOER/MO/NF/004/01/002578]



Percurso até à Estufa Fria



Vista parcial da Estufa Fria (1987)

Ref. [PT/MOER/MO/NF/004/01/005525]

vam em directo sorriso, a rega da vasta propriedade, ainda com dois grandes tanques de armazenamento e distribuição. Conheciam-se diversificadas culturas em exploração e, para além da horta, comportava sete pomares, vinhas e searas, havendo um cais na ribeira da Laje.

De particular atractivo era o grande e denso bosque que se integrava no seu espaço, com uma aura lendária a rodeá-lo. Corriam estórias de que fora o “refúgio muito querido” das míticas tágides que Luís de Camões poetizou. Aqui encontrar-se-iam perto da barra, com o propósito de, bem mais depressa, saudarem a imensa glória dos antigos navegadores, aquando do seu regresso. Para a Quinta ficar completa, à vontade dos então proprietários, houve a pronta construção de jardins (um deles sus-

penso), a que não faltavam a elegante cascata, o lago, grutas labirínticas, estas a aproveitarem existentes saliências rochosas.

Refira-se que a condição social dos sucessivos proprietários conferiu mais qualidade ao lugar e constituiu um ponto de vistosa atracção para gente de nomeada. E Oeiras, sem perder o carácter de vila laboriosa que, hesitante, gravitava entre o rural e o industrial, ganhou, numa frutuosa coabitação, a grandeza de estância balnear e de lazer.

D. Mariana de Arriaga, sem herdeiros directos, aquando do seu falecimento, em 1820, legou a Quinta e o Palácio em favor de António de Vasconcelos Abranches de Castelo Branco, capitão do Regimento de Artilharia da Corte, hoje desconhecendo-se os factores que estimularam essa generosidade em seu favor. Separava-os uma diferença de idade superior a trinta anos, ela a nascer em 1748 e o senhor, em 1779. O novo proprietário só tarde terá decidido matrimoniar-se, talvez já sexagenário, então casando com uma sobrinha, Modesta Flaminia de Vasconcelos Abranches, tendo depois nascido uma filha.

D. Mariana de Arriaga, de trato delicado e elegante, reunia à sua volta uma cúria bastante culta, na Corte e pelos salões do seu Palácio. Conseguia reunir um salão cultural ou literário de nomeada (Bocage, Marquesa de Alorna, Nicolau Tolentino,



Zona de repouso

entre outros) e era musa inspiradora dos românticos poetas que a chamavam de “Sereia dos Olhos Verdes”. Animou Oeiras, também com os seus serões musicais, dispondo de uma “sala de concertos”, onde os salões literários também se realizavam. Era estimada e bastante admirada, sendo dama da câmara e uma das principais conselheiras de D. Maria I, recebendo, por isso, um grande apreço, dispondo até de aposentos particulares no Palácio de Queluz.

A Quinta da Arriaga manteve o seu título, apesar da família deste apelido ter deixado de possuir a sua propriedade, a que não será alheio o peso da tradição e do prestígio, em idêntica consideração que especialmente D. Mariana Arriaga teve.

Entre 1850 e 1865, a Quinta da Arriaga foi comprada por José Maria Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel, juiz da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e Santo Amaro. A família Forjaz de Sampaio facilitava, habitualmente com boa vontade, o acesso à Quinta, o que era aproveitado pela comunidade de veraneantes para a visitar.

O seu Palácio tem entrada pela actual Rua Desembargador Faria (na altura, Estrada de São Julião da Barra) e destacava-se pelas suas arcadas, servidas por ampla escadaria e adornadas de azulejos, sendo uma Quinta senhorial, começando na então designada, Ponte do Couto e estendendo-se até à Quinta de São Pedro do Areiro, bem para além da actual ponte do caminho de ferro. Mas quase no fim da nossa caminhada, ainda tempo para apreciar um pequeno Pavilhão, outro espaço de actual restauração, mesmo junto ao portão da saída, um convite à seguinte procura de visitar antiga Quinta do Proença, mas apenas no próximo “Tempos de Oeiras”.



Vista parcial da cascata (1987)

Ref. [PT/MOER/MO/NF/004/01/005520]



Quinta da Arriaga (1940)

Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/000138]



Bosque

Luís Amorim

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

Fotos do Autor excepto onde indicado, sendo essas imagens cedidas pelo Serviço do Arquivo Municipal de Oeiras

“ O Espelho ou a Realidade “

A cena inesquecível filmada pelo brilhante Orson Welles mantém hoje todo o seu magnetismo, dramatismo - e também uma ambiguidade interpretativa essencial à nossa compreensão da Realidade, que urge esclarecer.

De facto, a cada espelho que explode por uma bala lançada pela incrível arma, há uma nova máscara de realidade que cai no chão e se esvai para o passado em mil estilhaços: reagimos emocionalmente com um temor do qual não entendemos nem o significado nem o alcance, a cada sombra que parecia ali existir, e só quando o corpo aparenta ter sido atingido “directamente”, o forte alívio chega finalmente para nos exorcizar o mágico torpor, eternamente enredados neste duplo engano do Cinema, igualzinho afinal ao que encerra o terrível “Valor económico-moeda”:

- Uma representação de realidade artificial - que produz múltiplas representações de realidade- espelho, tão artificiais como o próprio artifício formal inicial, na base do funcionamento de todo o sistema da socialmente mitificada: imagem- em- movimento.

O Paradigma- Hollywood - que é o pa-



raíso perfeito para o tal discreto e melífluo “domínio carismático” sociológico, tem sido instrumentalizado politicamente há décadas, para impor a outros países e a Continentes inteirinhos o “seu modo de pensar” e o “seu modo de agir” de uma forma 100% natural, sem que o “Poder” das instituições tenha de mexer um dedo mindinho - pois que as mentes e almas das populações já foram “antecipadamente conquistadas”, via- sub- sistema Simbólico dos *mass media* amestrados, para a tão “nobre causa”, sem a necessidade de outras perfeitamente dispensáveis opiniões...

Welles, como progressista e humanista que sempre foi, usa aqui a mola técnica para produzir um duplo efeito e, com isso - nos alertar:

- Um encantamento visual/ metafórico via- desconstrução da realidade;

**FUNERÁRIA CENTRAL
DE PAÇO DE ARCOS**

Paço de Arcos



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Peixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com

- E um final acordar do espectador, em direcção talvez à sua própria Vida.

Tal como a auto-assumida ilusão do Cinema das 24- frames- por- segundo, também o papel- moeda se coloca entre o homem e a realidade, efectuando silenciosamente um outro duplo efeito, de contornos bem mais preocupantes:

- Medindo mesmo muito pouco, e cada vez menos - “Valor”;

- E Manipulando a nossa interpretação do que acontece em redor, desde as mercadorias ao corrupto sistema comunicacional, infectando a noção de moral e de prioridades sociais.

Assim como o discurso imediatista-TV, o objectivo do dinheiro e seu estranho e/ ou deslocado conceito “Lucro” - parece ser o mesmo:

- Impor-nos uma Realidade sem “um Sentido” evidente; logo - conduzir-nos, por aí mesmo, a uma sociedade que se prevê - de Sentido único.

A comunidade mais perigosa de todas é aquela em que o nosso exemplo pessoal de ética, talento ou pensamento - não conta para NADA; mas na qual a nossa acção- em- colectivo- estilo- manada contará, no entanto - para TUDO...

- Cuidado, portanto, com os falsos Profetas e com os falsos Objectivos de Vida, estilo o bem capitalista “Em busca da



“O Homem-Espelho” de Francisco Capelo

felicidade” com Will Smith & Filho Cª Ltd.

Nas subtilezas de Welles estará ainda alguma Verdade; muitos na Hollywood actual - já nem tentam, sequer.

E, onde não existe Paixão, mais tarde ou mais cedo, existirá...

- TRAIÇÃO.

Francisco Capelo
(escreve de acordo com a antiga ortografia)
Site do autor: 4RT.pt

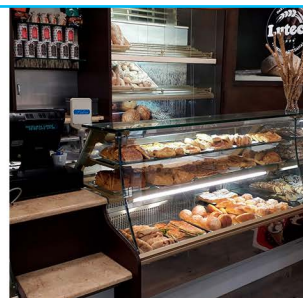


**Padaria • Pastelaria
Fabrico Artesanal**

Aberto todos os dias das 07:00h às 20:00h

Contacto: 214 420 793

Av. Dr. Francisco de Sá Carneiro 1, Oeiras, Portugal 2780-283



Cartoons

Créditos dos cartoons:



A ligação



Bater Pala



O último degrau

Henrique Monteiro

henricartoon.blogs.sapo.pt



A paralisia



Cheio dele



Preço, qualidade



ACAVPA

ASSOCIAÇÃO CULTURAL A VOZ DE PAÇO DE ARCOS

**CONCUR
SO FOTO
GRAFIA
OEIRAS**



**ESTÃO ABERTAS
AS INSCRIÇÕES**

PARTICIPEM!

concursodefotografiaoeiras2025.online



LEIA-ME

Entrada

Ovos Mexidos com Farinheira e Espargos

Ingredientes:

1 Farinheira, 8 Ovos, 1 Molho de espargos verdes cozidos, 1 Colher de sopa de manteiga, 1 Ramo de salsa, Sal, Pimenta.

Preparação:

- Pique a pele da farinheira e leve-a a cozer em água a ferver, durante 5 minutos, remova a pele e deixe ficar de lado.
- Bata bem os ovos e tempere-os com sal, pimenta e salsa picada.
- Numa frigideira, leve a manteiga ao

lume e envolva a farinheira e deixe cozer um pouco.

- Adicione parte dos talos dos espinafres cortados em pedaços.
- Incorpore os ovos, mexendo sempre até solidificarem.
- Rectifique os temperos e retire do calor.
- Coloque em quatro pratos de servir, os ovos mexidos.
- Decore com os restantes espargos, colocados à volta dos ovos mexidos e sirva de imediato.

Prato Principal

Javali no forno

Ingredientes:

1 kg de Javali, 1 kg de Castanhas peladas, 1 Talo de Aipo, 2 dl de Vinho branco, 1 dl de Azeite, 2 Cravinhos, Pimenta q.b., 1 Colher de sopa de massa pimentão, 4 Dentes de alho, 1 Cebola, 2 Cenouras.

Preparação

- Tempere a carne de véspera com sal, pimenta, malagueta, vinho, cravinhos, massa de pimentão, alhos, metade do aipo, a cebola e as cenouras, tudo cortado em pedaços.
- No dia seguinte, transfira a carne com

os temperos, para um tabuleiro refractário. Em volta, coloque as castanhas e regue tudo com azeite.

- Leve ao forno a 190° durante 30 minutos. Cinco minutos antes de terminar o tempo de cozedura, acrescente o aipo restante em pedaços.
- Findo o tempo, retire do forno e emprate o javali temperado, em 4 pratos e sirva-o com salada de Alface e Rúcula.

Catulina Guerreiro

Oeiras por quem a vê

Fotografias de Lina Rock
[instagram.com/rocklina](https://www.instagram.com/rocklina)
[facebook.com/lina.rock.184](https://www.facebook.com/lina.rock.184)



Arte Urbana de Nark
ontheroad.pt/animacoes/nark
[facebook.com/Nark.CPK](https://www.facebook.com/Nark.CPK)
[instagram.com/nark.cpk.graffiti](https://www.instagram.com/nark.cpk.graffiti)



“Eu”

Uma menina com o braço esticado, como que dizendo «Pára!», um urso de peluche maltratado e a mão de um adulto a manipular os movimentos da criança. Nark, o autor, lembra que “Apenas o coração pode bater”.

Texto de Luís Amorim

OEIRAS É LÍDER...

NA QUALIDADE DO AR
E INFORMAÇÃO PÚBLICA

NA SAÚDE
E BEM-ESTAR



NO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE

NO COMBATE ÀS
ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



ABAAE
ASSOCIAÇÃO BANDEIRA AZUL
DE AMBIENTE E EDUCAÇÃO

100% CLASSIFICAÇÃO MÁXIMA